



Peixes de Costão Rochoso de Santa Catarina

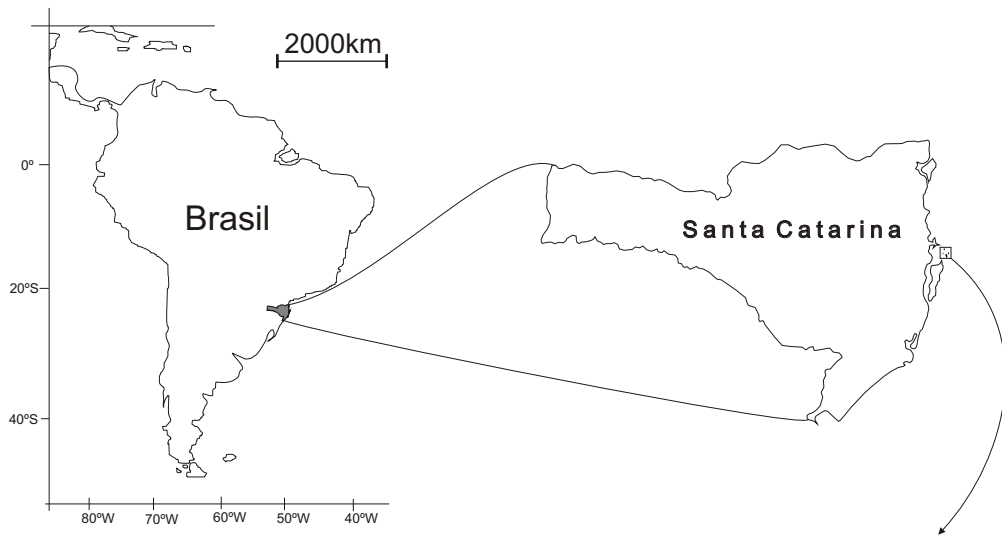
I. ARVOREDO

Localizada acerca de 11 km do continente, a Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (REBIOMAR) engloba o arquipélago do Arvoredo, formado pelas Ilhas da Galé, do Arvoredo, Deserta e Calhau de São Pedro, além de diversos parcéis submersos, como a Pedra Nocetti e o Parcel da Deserta. A disponibilidade de substratos rochosos e a influência de águas quentes e frias fornecem condições favoráveis para a ocorrência de espécies de peixes tropicais e subtropicais. Neste livro convidamos o leitor a conhecer as diversas espécies de peixes que habitam os costões rochosos da REBIOMAR. Esperamos também levar aos que nunca mergulharam, um pouco dos estímulos visuais deste mundo submerso. Acreditamos que a beleza e importância ecológica da REBIOMAR aqui apresentada, contribua para a conscientização da fragilidade do ecossistema de costão rochoso.

P a t r o c í n i o

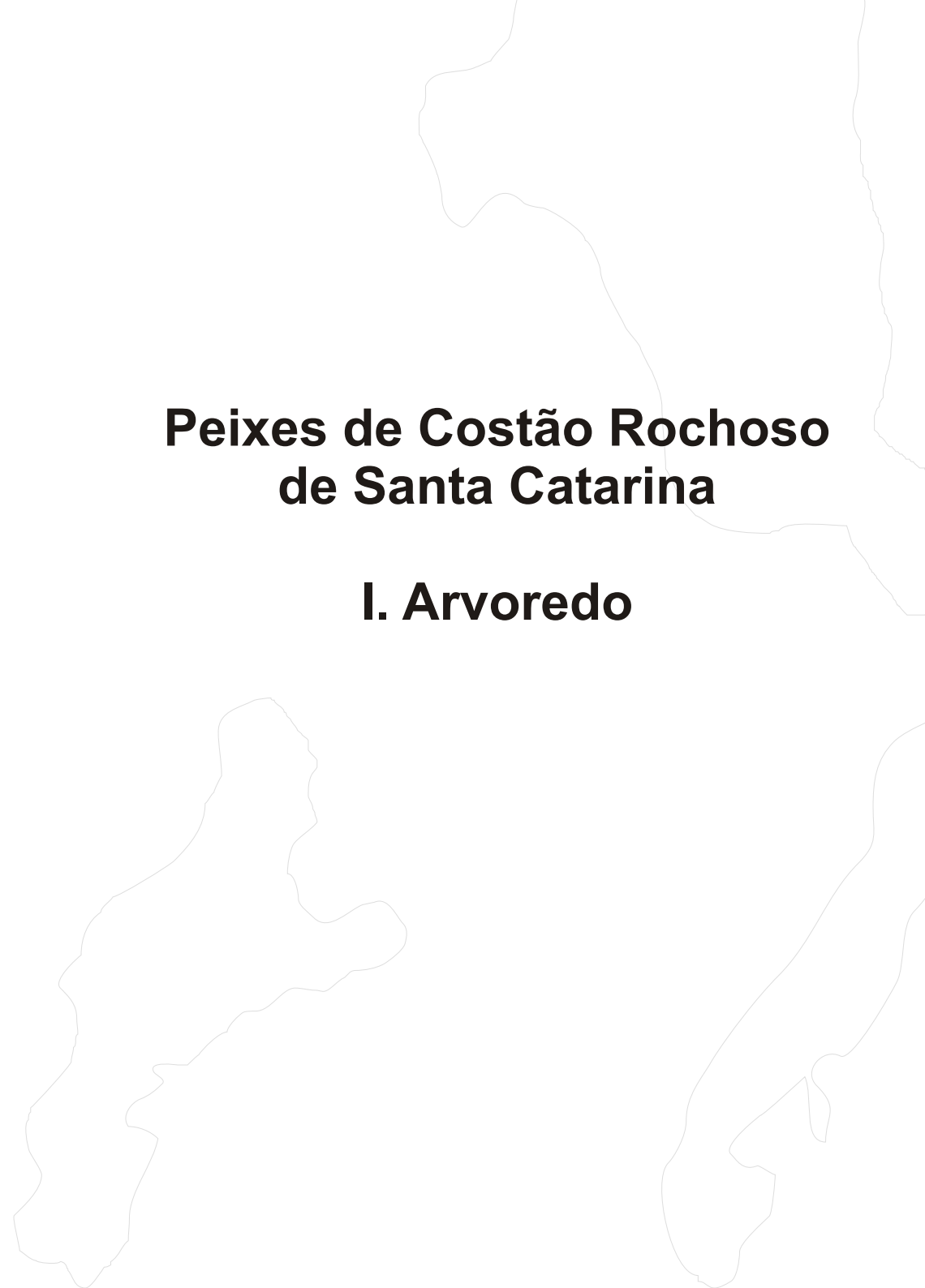


Maurício Hostim-Silva
Áthila Bertoncini Andrade
Leonardo Francisco Machado
Leopoldo Cavaleri Gerhardinger
Felippe Alexandre Daros
João Pedro Barreiros
Eduardo Godoy



Peixes de Costão Rochoso de Santa Catarina

I. Arvoredo



Peixes de Costão Rochoso de Santa Catarina

I. Arvoredo



Maurício Hostim-Silva
Áthila Bertoncini Andrade
Leonardo Francisco Machado
Leopoldo Cavaleri Gerhardinger
Felippe Alexandre Daros
João Pedro Barreiros
Eduardo Godoy



FICHA CATALOGRÁFICA

Agradecimentos e Créditos

Muitas foram as pessoas que tiveram essencial colaboração no processo de levar este livro até você. Sendo assim, temos o imenso prazer em agradecer:

Ao Magnífico Reitor da Universidade do Vale do Itajaí, Prof. Dr. José Roberto Provesi, que apoiou este projeto já no seu mandato como Pró-Reitor de Pesquisa, Pós Graduação e Extensão (ProPPEX);

Ao Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura (ProPPEC), Prof. Dr. Valdir Cechinel, pelo incentivo e atenção a esta proposta;

Ao Coordenador de Pesquisa, Prof. MSc. Rogério Correia, pela viabilização desta obra, facilitando todos os trâmites, para que logo chegasse ao público;

Ao Diretor do Centro de Ciências Tecnológicas, da Terra e do Mar - CTTMar, Prof. Dr. João Luiz Baptista de Carvalho, por colocar a estrutura do Centro à nossa disposição e nos incentivando nesta empreitada;

Ao Departamento de Ciências Agrárias da Universidade de Açores, pelo apoio técnico e boa acolhida aos alunos e pesquisadores da UNIVALI;

Ao Chefe da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo, MSc. Mário Luiz Martins Pereira, pela atenção e boa recepção desta iniciativa;

Aos colegas, amigos e pesquisadores que muito nos auxiliaram na identificação de várias espécies de peixes aqui presentes, bem como dando importantes sugestões durante a elaboração do livro: Alfredo Carvalho-Filho, Ivan Sazima, Carlos Eduardo Leite, Cláudio Luiz Sampaio (Buia), Sérgio Floeter, Osmar Luiz Júnior, Carlos A. Rangel, Ierecê Rosa e Daniel Lewis;

Aos colegas do Laboratório de Ciências Ambientais, que participaram das saídas de campo e dos trabalhos de laboratório: Ricardo Corbetta, Valdenir Inêz e Maria Goretti Girardi e Jonas Rodrigues Leite;

Ao Instituto VIDAMAR, que sempre disponibilizou recursos humanos e infraestrutura, garantindo o apoio logístico para os trabalhos de campo.

A Maria Otília Bertoncini Andrade, Ketty Bertoncini e Fabiana Poletto, que contribuíram para a finalização deste livro, dedicando seu valioso tempo nas leituras e auxiliando nas revisões e sugestões;

À Associação de Escolas e Operadores de Mergulho de Santa Catarina (AEOMESC), pelo apoio nas saídas de campo para a REBIOMAR;

Ao Costão do Santinho Resort, pelo patrocínio das campanhas do verão de 2004, que contaram com a especial participação do Dr. Emanuel Gonçalves (ISPA), que permitiram o registro de espécies as quais ainda não possuíamos documentação fotográfica.

Crédito das fotografias (a-superior, b-inferior, d-detalhe):

Alfredo Carvalho Filho - p.121b

Áthila Bertoncini Andrade - capa e contra-capas, p. iii, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 30, 34, 35, 36, 37, 39a, 41b, 43ab, 45ab, 47ab, 49ab, 51b, 53ab, 55abd, 57ab, 59ab, 61ab, 63b, 65ab, 67ab, 69abd, 71ab, 73ab, 75ad, 77a, 79abd, 81abd, 83ad, 85abd, 87abd, 89ab, 91abdd, 93ab, 95ab, 97b, 99ab, 101ab, 103ab, 105bd, 109ab, 111a, 113a, 115ab, 117ab, 119ab, 121a

Cláudio Luiz Sampaio - p.39d, 75b, 77b, 83b, 107a, 111b

João Gonçalves - p.63a

Leonardo Francisco Machado - p.107b, 123a

Luiz Adolfo Durante - p.41a, 97a

Osmar Luiz Júnior - p.105a

Renato Freitas Hajenius - p.51a

Ricardo Serrão - p.113b

Ilustrações científicas:

João Pedro Barreiros

Os autores dedicam este livro à memória do sempre amigo Gabriel Lima, o "Nerd", um grande parceiro de campo e um eterno apaixonado pelo mar. Vemos os brilhos de teus olhos e a alegria de teu sorriso em cada uma dessas páginas...

Apresentação

Sumário

Agradecimentos e créditos	v
Apresentação	vi
Por que um livro sobre os peixes do Arvoredo?	12
Reserva Biológica Marinha do Arvoredo	15
Peixes recifais: sinopse da sua ecologia	17
Adaptações biológicas dos peixes recifais	21
Peixes: sistemática e ocupação do costão rochoso	28
Espécies ameaçadas	31
Como funciona o guia?	32
Espécies de peixes da REBIOMAR	33
Glossário	124
Para conhecer mais	127
Referências bibliográficas	128
Índice	129

Por que um livro sobre os peixes do Arvoredo?

Por muito tempo temos sido cobrados a escrever um livro sobre os peixes da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (REBIOMAR). Houve um período na história desta Unidade de Conservação em que o acesso por turistas do mergulho autônomo foi tolerado e praticamente todos os finais de semana, especialmente no verão, centenas de pessoas visitavam a REBIOMAR, chegando a receber o título de “melhor *point* de mergulho no sul do Brasil”.

Foi justamente neste período, na década de 90, que iniciamos nossos trabalhos de campo para adquirir informações de forma sistemática, utilizando uma nova ferramenta de campo, a câmera fotográfica subaquática.

A REBIOMAR já tem sua beleza conhecida através da fotografia subaquática, que além de ser um hobby de muitos mergulhadores, tem um imenso valor no meio científico. No Brasil, ainda hoje são poucos os trabalhos publicados que apresentam uma identificação do animal em seu ambiente natural, sendo a

maioria dos guias de identificação de peixes baseados em desenhos, em dados morfométricos (ex: quantas vezes o diâmetro do olho cabe dentro do comprimento da cabeça) e merísticos (ex: número de espinhos presentes numa determinada nadadeira).

Este livro não tem a pretensão de ser um guia completo, sem oportunizar que futuras contribuições venham a ser realizadas. Queremos sim estimular o desenvolvimento de pesquisas nesta Unidade de Conservação marinha no sul do Brasil, especialmente aquelas voltadas ao aprimoramento do conhecimento das interações ecológicas de organismos marinhos nela presentes.

Cabe ainda ressaltar que, os autores deste livro continuam desenvolvendo os trabalhos de pesquisa da ictiofauna ao longo de toda a costa catarinense através do projeto “Peixes de Costão Rochoso” (www.vidamar.org.br/peixesdecostao). Entretanto, optou-se em direcionar o



volume I à REBIOMAR, que além de ser um dos pontos alvo de nossos estudos, é uma Unidade de Conservação que como muitas outras, ainda carece de pesquisas sobre a biodiversidade que abriga.

Muitas espécies de peixes presentes nesta Unidade de Conservação apresentam grande importância econômica, principalmente para pesca artesanal, como é o caso da garoupa-verdadeira (*Epinephelus marginatus*) (pág. 54). Reservas biológicas têm como objetivo a preservação da biota e demais atributos naturais existentes dentro de seus limites, sem interferência humana direta ou modificações ambientais. Esta é uma entre as tantas formas de manejo ambiental, que visa garantir que uma parcela destas populações marinhas sejam resguardadas dos impactos antrópicos, principalmente os da pesca, para que assim, num segundo momento contribuam para os estoques pesqueiros de áreas adjacentes.

Algumas das espécies comerciais encontradas na região foram definidas como espécies-chave no atual Plano de Manejo da REBIOMAR. No entanto, torna-se necessário destinar esforços de pesquisa não apenas às espécies comerciais, mas também às espécies de pequeno porte, na sua grande maioria de hábitos crípticos, pouco conhecidas, mas que desempenham importante papel na manutenção do equilíbrio ecológico de ecossistemas presentes na Unidade de Conservação.

Desta forma, esta publicação tem como principais objetivos, fornecer um manual de referência para a identificação das espécies de peixes ocorrentes na REBIOMAR, e despertar a atenção da comunidade científica e legisladores para as espécies de peixes de costão rochoso. Assim, esperamos contribuir com informações que poderão subsidiar futuras ações de conservação.

Reserva Biológica Marinha do Arvoredo

Toda a exuberância da natureza, presente na diversidade de cores e formas, somada à integridade ecológica que o arquipélago exibiu no final da década de 80, incentivou um movimento ambientalista para buscar sua proteção legal. Este movimento culminou na publicação do Decreto Federal 99.142/90 em 12 de março de 1990 que criou a Reserva Biológica Marinha do Arvoredo, com 17.600 hectares de superfície e 54,8 quilômetros de perímetro (mapa abaixo).



A distância de aproximadamente 11 km da costa proporciona às ilhas da REBIOMAR as águas mais transparentes da região, podendo chegar a 20 metros de visibilidade nos melhores dias do ano. Já a temperatura da água pode variar dos 15°C aos 26°C (Carvalho, 1998).



Ilha Deserta, e ao fundo, Ilha do Arvoredo

O clima típico é o tropical úmido, ou seja, sem períodos de seca e com temperaturas médias do ar raramente inferior a 15°C (Pereira, 1994). Aqueles que conhecem este santuário respeitam o regime de ventos e ondas que incide sobre REBIOMAR. É comum aguardar ansiosamente por informações meteorológicas sobre o temeroso vento Sul, antes de embarcar na direção das ilhas. Embora as Ilhas do Arvoredo e da Galé ofereçam bons abrigos para as embarcações, de fato a distância do continente exige o conhecimento das leis naturais. Estas características ambientais são muito bem preditas por pescadores e mergulhadores, entre outros "homens do mar".

As ilhas são banhadas por diferentes correntes marinhas durante o ano. Predominam assim aquelas de temperatura e salinidade elevadas que são provenientes do Norte, trazidas pela Corrente do Brasil. Também é significativa a participação da Corrente das Malvinas, que traz do sul águas de temperaturas mais baixas, e águas costeiras, caracterizadas pela riqueza em nutrientes e baixa salinidade devido à drenagem continental. Em

algumas ocasiões, águas frias e muito nutritivas ressurgem de maiores profundidades devido à morfologia da plataforma continental e regime de ventos promovendo explosões de vida marinha, principalmente nos meses de primavera e verão (Carvalho, 1998).

A presença de substratos rochosos e a influência de águas quentes e frias fazem do arquipélago um local onde espécies recifais tropicais e subtropicais podem encontrar condições favoráveis para prosperar, proporcionando à REBIOMAR uma elevada riqueza de espécies de peixes marinhos. Por este motivo a Reserva do Arvoredo abriga uma parte considerável da ictiofauna brasileira. Estudos ressaltam ainda a importância da área na reprodução de várias espécies de peixes (Rodrigues-Ribeiro, 1997). Algumas das espécies de peixes ocorrentes na REBIOMAR, estão incluídas na lista internacional de espécies ameaçadas da IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais), entre elas o imponente mero (*Epinephelus itajara*) (HOSTIM-SILVA *et al.*, 2004) (pág. 54) e o colorido peixe-anjo (*Holocanthus ciliaris*) (pág. 78). Além dos peixes, muitas são as formas de vida presentes nos costões rochosos da REBIOMAR: algas, esponjas, equinodermos (ex. estrelas-do-mar e ouriços) e moluscos (ex. lulas e polvos).

Peixes Recifais - Sinopse da sua ecologia

O termo recifal, que é utilizado pela comunidade científica para designar ambientes com predominância de substrato consolidado, é normalmente associado pelo público em geral às barreiras de recifes de corais. Entretanto, devemos considerar que apesar de os recifes de corais, estarem entre os ecossistemas mais ricos e diversos do planeta, não são os únicos que caracterizam um ambiente recifal. Isto por que o substrato consolidado que compõe um ambiente recifal, pode ter origem não apenas a partir dos organismos polipóides coloniais conhecidos como corais, mas também a partir de algas calcárias, rochas, estruturas artificiais ou mesmo associações destes.

Carvalho-Filho *et al.* (2005) definem um recife como: toda e qualquer formação de fundo consolidado, de origem orgânica e/ou inorgânica, cujo topo esteja distante, no máximo a 30 metros da superfície na maré mais baixa da região. Incluem ainda nesta definição, a área de fundo de areia, cascalho ou mista, adjacente ao recife, considerando uma distância de até 30 metros e um gradiente de profundidade limitado aos 70 metros.

Não poderemos deixar de referir a importância dos recifes na dispersão ou



Macaco ouro

no isolamento de populações que, com o tempo, dão origem a novas espécies. Nas remotas ilhas Atlânticas de Santa Helena e Ascensão o isolamento de populações fica evidenciado no elevado grau de endemismo encontrado. Já ambientes recifais presentes ao longo de quase toda a costa brasileira, nos Arquipélagos de São Pedro e São Paulo, Fernando de Noronha ou nas ilhas de Trindade e Martim Vaz, são bons exemplos da contribuição dos recifes na dispersão de espécies, e ainda assim apresentam estas ilhas apresentam seu grau de endemismo.

A primeira vista, os ambientes recifais, sejam eles coralíneos, de algas calcárias, rochosos ou artificiais, transmitem uma idéia de exuberância, no que diz respeito a sua diversidade e riqueza de espécies. Principalmente quando comparados aos ambientes de substrato consolidado (ex. fundos arenosos ou lamosos). Isto ocorre por que em geral, substratos que disponibilizam uma maior complexidade ao ambiente, tornam a ictiofauna local mais rica e diversa (Luckhurst & Luckhurst, 1978). Costões rochosos, recifes biogênicos ou mesmo estruturas artificiais, apresentam uma alta complexidade estrutural e assim podem servir de habitat a um grande número de espécies de peixes.

Um exemplo da influencia do efeito da complexidade estrutural sobre as comunidades de peixes, pode ser observado nas áreas adjacentes à plataforma continental do Estado de Santa Catarina. Em função da predominância de substratos móveis (arenosos e/ou lamosos), são tipicamente caracterizadas por uma ictiofauna relativamente pobre (Barletta & Corrêa, 1992). À medida que nos aproximamos dos costões rochosos, percebemos um aumento significativo na riqueza de espécies.

A multiplicidade de habitats disponíveis junto ao aglomerado de rochas dos costões ou mesmo em sua interface com o substrato consolidado, dá suporte a uma vasta gama de espécies de peixes recifais. Entende-se por peixe recifal, qualquer espécie de peixe que utilize ou se aproxime de recifes e/ou de suas proximidades imediatas, para quaisquer atividades, inclusive refúgio, alimentação, reprodução ou apenas de passagem (Carvalho-Filho *et al.*, 2005).

Os peixes recifais em geral apresentam uma variedade de cores, formas, hábitos tróficos, reprodutivos e inúmeras associações intra e interespecíficas, condizentes com o ambiente em que vivem. A complexidade do ambiente, caracterizada pela grande variedade de espaços a serem explorados (nichos), faz com que cada espécie tenda a ocupar locais com características distintas, especializando-se em usufruir um determinado conjunto de recursos e obtendo uma vantagem competitiva.

A moréia, um peixe bastante comum na REBIOMAR, é especializada na ocupação de pequenas fendas e grutas, onde encontra proteção e de onde sai, sobretudo durante a noite, para caçar. A forma fusiforme do corpo da moréia e de outras espécies afins, permite que explorem recantos onde outros peixes não têm acesso. A garoupa e alguns outros predadores, todavia, muitas vezes seguem as moréias e predam sobre os pequenos organismos afugentados pela sua passagem entre as fendas (Gerhardinger *et al.*, *in press*).

Outros exemplos de associações intra e interespecíficas podem ser comumente observados em espécies de peixes recifais que apresentam o hábito de formar cardumes. Os cardumes formados por *Chaetodipterus faber* (pág. 108), espécie bastante comuns principalmente nos pontais da ilhas que



Enxada / Paru branco

compõe a REBIOMAR, são bons exemplos de associações intraespecíficas. Entretanto, algumas espécies de peixes recifais podem formar também cardumes interespecíficos, ou seja, compostos por exemplares de uma ou mais espécies.

Um tipo de associação interespecífica bastante comum nos costões rochosos da REBIOMAR são as simbioses de limpeza. Geralmente estas associações ocorrem nas estações de limpeza, geralmente localizadas em pontos de maior evidência no costão. Nestes locais, os limpadores (ex. jovens de *Bodianus rufus* e *Pomacanthus paru*, págs. 90 e 82) retiram parasitas e pedaços de tecido morto da superfície dos corpos de seus clientes através de pequenas mordidas. Estas associações normalmente são benéficas para ambas espécies, pois o limpador obtém facilmente o seu alimento e o cliente recebe uma limpeza saudável.

Como se observa, os peixes recifais constituem complexas comunidades de elevada riqueza e diversidade que estão presentes nos costões rochosos catarinenses e em todas as regiões do mundo onde existem substratos consolidados. A magnitude de sua exuberância e vitalidade só pode ser comparada à sua fragilidade frente às ameaças que vêm sofrendo. O excesso de pesca, a urbanização da zona costeira e a poluição, entre outras agressões de origem antrópica, precisam ser controlados com certa urgência, para que possamos garantir o futuro dos ambientes recifais e conseqüentemente das admiráveis formas de vida que eles abrigam.

Adaptações Biológicas dos Peixes Recifais

A grande complexidade e diversidade de habitats e microhabitats que compõe os ambientes recifais é, talvez, o maior responsável pela riqueza de formas, cores e estratégias de vida dos seres que o habitam. Deste modo, os peixes recifais oferecem uma excelente oportunidade para explorarmos a incrível adaptação biológica desses peixes, altamente especializados e diversificados, ao ambiente.

Existem no Brasil aproximadamente 522 espécies de peixes recifais (Carvalho-Filho *et al.*, 2005), que ocupam desde a interface areia/rocha e o substrato consolidado propriamente dito, até a coluna d'água acima destes.

A interface areia/rocha representa a conexão entre dois ambientes completamente distintos. Este ecótono abriga peixes recifais adaptados a se alimentar sobre fundos inconsolidados. O salmonete (*Pseudupeneus maculatus*) (pág. 74), peixe típico desta interface, utiliza seus barbilhões tácteis para procurar invertebrados bênticos na areia.

Uma outra espécie que ocupa a interface areia/rocha é o linguado (*Bothus ocellatus*) (pág. 112), que utiliza sua incrível capacidade de se camuflar com o fundo para se alimentar da diversa fauna de invertebrados presente nestes locais.





Exímio piscívoro, o peixe-lagarto (*Synodus synodus*) (pág 44) geralmente espera sua presa apoiado sobre as largas nadadeiras pélvicas. Este peixe também tem a capacidade de alterar a sua coloração de acordo com o fundo. Para descansar ou fugir de predadores, muitas vezes se enterra na areia deixando apenas os olhos e a ponta do focinho de fora.

O peixe-morcego (*Ogcocephalus vespertilio*) (pág 46), talvez um dos peixes recifais mais fascinantes, se locomove lentamente sobre o fundo utilizando as nadadeiras peitorais como se fossem pernas. Ele pode é encontrado normalmente sob as pedras em fundo de areia, e é difícil de ser localizado devido a sua coloração escura e comportamento críptico.

Diretamente sobre o substrato rochoso ou entre os buracos e fendas das rochas, diversas espécies encontram abrigo. As donzelinhas (Família Pomacentridae) ocupam principalmente a superfície e cavidades das rochas, onde estabelecem ninhos e defendem vigorosamente seu território. Esta forte ligação com o território e o tipo de desova demersal são fatores que contribuem para o alto grau de endemismo de espécies desta família. Donzelinhas endêmicas não são difíceis de ocorrer em ambientes recifais com certo isolamento, como é o caso da Ilha de Trindade (ES) e do Arquipélago de São Pedro e São Paulo (PE), que abrigam as espécies endêmicas *Stegastes trinidadensis* e *Stegastes sanctipauli*, respectivamente. Por outro lado, algumas espécies dessa família também podem ocupar faixa extensas de litoral, desde que não existam barreiras geográficas para sua distribuição/dispersão, como é o caso do sargentinho (*Abudefduf saxatilis*) (pág. 84) e donzelinha (*Stegastes fuscus*) (pág 86) que ocupam densamente os costões rochosos das regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Os peixes-borboleta (Família Chaetodontidae), com sua fantástica combinação de cores, representam um grupo de peixes altamente adaptados ao ambiente recifal. Possuem a boca prolongada, que permite a alimentação sobre pequenos invertebrados que se escondem em estreitas frestas, geralmente inacessíveis a outros animais. O peixe-borboleta (*Chaetodon striatus*) (pág. 78) oferece um bom exemplo sobre a teoria dos olhos falsos, apresentando na fase jovem um ocelo que parece um grande olho. A teoria argumenta que os predadores, quando atacam, fixam o olhar nos olhos de suas presas. Assim, a espécie ilude seus predadores causando a impressão de serem maiores do que realmente são. Além dos ocelos, apresentam ainda barras escuras que disfarçam seu olho verdadeiro.

Os peixes da Família Pomacanthidae estão entre os mais coloridos e ornamentados peixes recifais brasileiros. O peixe-anjo (*Holocanthus ciliaris*) (pág. 78) e o soldado (*Holocanthus tricolor*) (pág. 80) fazem parte desta família. Além da coloração exuberante, apresentam um aparato bucal destinado a alimentação baseada em esponjas, que geralmente não são palatáveis a grande maioria dos peixes.

Alguns peixes ocupam habitats estreitos, disponíveis entre as rochas do costão. Por este motivo, em geral possuem o corpo comprimido lateralmente, o que facilita a locomoção nos estreitos espaços entre rochas. No entanto, essa não é a única estratégia para ser uma espécie bem sucedida nestes habitats. As moréias (pág. 40), já mencionadas anteriormente, possuem o corpo serpentiforme, permitindo que elas se locomovam entre as tocas das rochas a procura de suas presas, principalmente crustáceos e peixes.

As marias-da-toca, macaquinhos e amborês (Famílias Labrisomidae, Blenniidae e Gobiidae) formam um grupo de peixes intimamente associado ao rochoso, que se beneficiam do tamanho reduzido dos seus corpos



Maria-da-toca



(pág. 102). Pequenas rachaduras nas rochas, esqueletos de cracas, espinhos de ouriço e até as indesejáveis latas de refrigerantes servem de abrigo para eles. Em geral, se apóiam sobre as nadadeiras pélvicas ficando imóveis sobre o fundo. Confiam bastante em sua capacidade de camuflagem, mas quando descobertos, disparam rapidamente para seus esconderijos.

Outros ambientes, de fundamental importância, que aumentam a complexidade e diversidade dos costões rochosos são os bancos de algas. Estes ambientes, dominados geralmente por algas pardas como sargaço (gênero *Sargassum*), compõe o habitat ideal para alguns peixes recifais. O substrato duro associado ao emaranhado de folhas e talos das algas desempenha um importante papel como berçário para muitas espécies de peixes como os badejos, peixes-papagaios e budiões. Os cavalos-marinhos (Família Syngnathidae), quando agarrados às algas, passam despercebidos pois apresentam coloração e morfologia do corpo muito semelhantes. Um dos grandes predadores deste inusitado ambiente é o peixe-trombeta (Família Fistulariidae), que possui o corpo alongado e tubular, ficando imóvel na coluna d'água próximo ao fundo à espreita de pequenos peixes desatentos.

A coluna d'água logo acima das rochas abriga um menor número de espécies. Contudo, podem somar uma elevada abundância de exemplares, principalmente quando espécies formadoras de densos cardumes estão presentes. Os peixes da



Família *Carangidae* formam um grupo que pode formar grandes cardumes e que tem muita representatividade entre os peixes que ocupam a região da coluna d'água. Xaréus, xereletes, olhetes e olhos-de-boi (pág. 64) são considerados espécies de passagem e visitam as áreas de costões rochosos principalmente para alimentação, mas podem acabar servindo de presas para outras espécies recifais. Os jovens deste grupo normalmente se alimentam de zooplâncton, sendo os adultos vorazes predadores de peixes e invertebrados. Estas são espécies muito bem adaptadas à vida na coluna d'água, em geral apresentando coloração prateada a cinza na porção ventral. Esta coloração se mistura à claridade da superfície, confundindo as presas e predadores que os observem de baixo para cima. Já os tons mais escuros do dorso se possuem colorações mais escuras, confundindo potenciais predadores vindos da superfície. Seus corpos alongados e comprimidos lateralmente lhes conferem uma boa hidrodinâmica, permitindo grandes deslocamentos em águas abertas.

As pijiricas (Família *Kyphosidae*) (pág. 76) apresentam uma coloração acinzentada e corpo ovalado, podendo formar cardumes numerosos para o forrageamento de algas bênticas em grupo. Também ocupam a coluna d'água, onde se alimentam de zooplâncton e algas flutuantes. As Famílias *Acanthuridae*, *Scaridae* e *Kyphosidae* mencionadas acima representam os



Garoupa-verdadeira

herbívoros de maior porte que são freqüentemente encontrados nos costões rochosos da REBIOMAR.

Algumas espécies bastante ativas, como o peixe-cirurgião (Família Acanthuridae) (pág. 108), se deslocam pelos recifes em busca de alimento, podem ser observadas junto das rochas, na interface areia/rocha e até mesmo na coluna d'água. O peixe-cirurgião possui o corpo quase circular e comprimido lateralmente. Pode formar cardumes e recebem esse nome devido à duas lâminas ósseas localizadas no pedúnculo caudal, utilizadas para defesa.

Os peixes-papagaio (Família Scaridae) (pág. 94) são também bastante ativos, utilizando suas nadadeiras peitorais em manobras perfeitas e rápidas entre as rochas. As espécies desta família apresentam uma enorme variedade de combinações de cores que pode mudar não só de espécie para espécie, mas também de macho para fêmea e ao longo dos estágios de vida. Estes notáveis peixes possuem dentes coalescidos (placas dentárias) que são utilizados para raspar as algas do substrato duro.

Os budiões (Família Labridae) (pág. 90) se assemelham aos peixes-papagaio (pág. 94), no entanto apresentam dentes pontiagudos e separados, que funcionam para capturar uma grande variedade de invertebrados bentônicos. Algumas espécies apresentam fantásticas

combinações de cores como azul e amarelo ou vermelho e amarelo. Os jovens em geral são extremamente coloridos e em algumas espécies diferem da coloração dos adultos. São muito ativos e utilizam toda a extensão do costão, desde a interface com a areia até áreas próximas à superfície.

Os badejos e garoupas (Família Serranidae) estão entre os peixes recifais mais conhecidos pela população em geral, provavelmente em função da sua importância comercial (pág. 56). Estes são peixes robustos, de cabeça grande e boca ampla, utilizada para capturar peixes, moluscos e crustáceos. Caçadores de espreita, eles se lançam sobre a presa em golpes fulminantes ou simplesmente sugam suas presas ao abrir bruscamente suas enormes bocas. A garoupa-verdadeira (*Epinephelus marginatus*) (pág. 54) é em geral uma espécie solitária que se abrigam nas sombras de tocas e fendas entre as rochas. Os jovens ocupam principalmente costões mais rasos e protegidos da ação das ondas e ambientes costeiros como as poças de marés (Barreiros *et al.*, 2004). Adultos, por sua vez, preferem os parcéis, lages e costões mais profundos (Machado *et al.*, 2003). A espécie forma agrupamentos reprodutivos em determinadas épocas do ano, reproduzindo-se em Santa Catarina entre os meses de primavera e verão (Bertoncini *et al.*, 2003). Hermafrodita protogínica, as garoupas-verdadeiras nascem fêmeas e tornam-se machos a partir de uma determinada fase da sua vida, conforme as condições demográficas da população, através de um processo denominado inversão sexual.

Apenas algumas das incríveis adaptações biológicas dos peixes recifais e a relação com os ambientes que as moldaram foram aqui descritas, podendo assim estimular o amante da vida marinha a pesquisar mais sobre o assunto e, quem sabe, levando esta a conferir *in loco* a beleza e a sutileza destas e outras manifestações da natureza.



Badejo-mira

Peixes: sistemática e ocupação do Costão Rochoso

Peixes representam o próprio sentido de diversidade. É quase impossível imaginarmos algum corpo de água (rios, lagos, poças de maré, cavernas, oceanos) que não apresente ao menos uma espécie. Estão presentes em uma infinidade de habitats, adaptando-se à sobrevivência em lugares incríveis como lagoas ácidas próximas de vulcões ou águas com temperaturas inferiores a 0 °C. Para tal proeza, evoluíram adaptações morfológicas, fisiológicas, padrões de coloração e comportamentos muito complexos que demandam muitos capítulos de uma coleção de livros para uma explicação detalhada. Nos cabe aqui compreender esta grande diversidade e algumas nuances da evolução deste grupo zoológico de uma forma generalizada na ocupação de ambientes recifais.

O costão rochoso proporciona abrigo permanente e temporário para uma série de peixes, desde os representantes grupos mais primitivos como os tubarões e raias, até os mais modernos e especializados como o linguado, baiacu e peixe-porco.

A definição do que é um “peixe” é um tema recorrente entre os ictiólogos (especialmente taxonomistas e sistematas). Isto se deve à impossibilidade de encontrar um único ancestral comum e características compartilhadas por todas as espécies que são chamadas “peixes”. Para simplificar, podemos imaginar peixes como vertebrados aquáticos que possuem brânquias por toda a vida e membros (quando presentes) em formato de nadadeiras (Nelson, 1994). Apesar de ser um conceito informal, é a forma encontrada por cientistas para classificar todos os peixes conhecidos em um só grupo.

O grupo de animais que possuem vértebras são enquadrados no subfilo Vertebrata (vertebrados). Considera-se que a evolução dos vertebrados tenha seguido dois caminhos diferentes. Um deles mais antigo com a ausência de maxilas (Agnatha) e

outro mais recente com maxilas e nadadeiras pares (Gnatostomata). O grupo Agnata deu origem aos peixes sem mandíbulas, que é pouco representado no Brasil (apenas quatro espécies, nenhuma delas ocorre em ambientes de costão rochoso). O segundo grupo deu origem ao restante dos peixes e todos os outros vertebrados (mamíferos, anfíbios, répteis e aves). Uma das razões para o sucesso dos Gnatostomata é atribuído à grande vantagem evolutiva de organismos com mandíbula na captura de alimentos.

Segundo Eschmeyer (1998), temos as seguintes Classes atuais de peixes: Myxini (feiticeiras), Cephalaspidomorphi (lampréias); Elasmobranchii (tubarões e raias), Holocephali (quimeras); Sarcopterygii (peixes pulmonados e celacanto) e Actinopterygii (todos os demais peixes).

Os representantes de Chondrichthyes (Elasmobranchii e Holocephalii) apresentam como características principais as fendas branquiais desprovidas de opérculo e o corpo com esqueleto cartilaginoso. Podem habitar ambientes fluviais, mas são predominantemente marinhos. Nos dias atuais, tubarões são raramente observados nos ambientes de costão rochoso em Santa Catarina. Entretanto, relatos de pescadores antigos afirmam que estes grandes predadores podiam ser capturados com frequência em locais muito próximos de ilhas e costões. A atual ausência destes peixes neste ambiente pode ser considerada um alerta do acentuado efeito da pesca sobre suas populações. Algumas espécies de tubarões adaptaram-se à vida exclusiva em ambientes recifais ou pelo menos nas fases iniciais. Contudo, nenhuma espécie com esta característica ocorre nos costões da REBIOMAR. A maioria dos tubarões que utilizam os costões rochosos estão apenas de passagem.

Raias, por sua vez, podem ser observadas com maior



Donzelinha



freqüência nas ilhas que compõem a REBIOMAR. Algumas espécies são encontradas sobre o fundo, na interface entre a areia e o costão rochoso, e outras na coluna d'água, como a raia chita (pág. 38) que utiliza a área para alimentação e abrigo. Nenhum representante das quimeras está presente nos costões rochosos, pois são peixes que vivem em águas profundas.

O grupo dos Actinopterygii, que representa a classe de peixes mais recente, envolve organismos com esqueleto ósseo que possuem opérculo. A taxonomia desta classe de peixes modernos com raios nas nadadeiras está constantemente sendo ajustada conforme novas espécies são descritas e a relação entre elas é melhor conhecida.

Destacam-se dentro desta Classe a Divisão Teleostei (os teleósteos), que representa o grupo com o maior número de ordens (35-38 ordens), colonizando os mais diversos habitats, inclusive o costão rochoso. Entre os representantes mais comuns podem ser citados: as moréias, sardinhas, bagres, garoupas, atuns, linguados e muitos outros.

Os peixes que habitam o costão rochoso são representados na grande maioria pela ordem Perciformes (robalo, mero, donzelinha, peixe-anjo, etc). Contudo, podemos observar peixes de ordens antigas como a moréia (Anguilliformes) (pág. 40) e o cavalo-marinho (Syngnathiformes) (pág. 50) e ordens recentes na escala evolutiva, altamente especializadas para a vida no costão, como os baiacus e o peixe-porco (Tetraodontiformes) (pág. 112). Embora encontremos representantes de ordens diferentes no costão, todas estas espécies possuem algumas características em comum e, portanto, são chamadas de "peixes recifais".



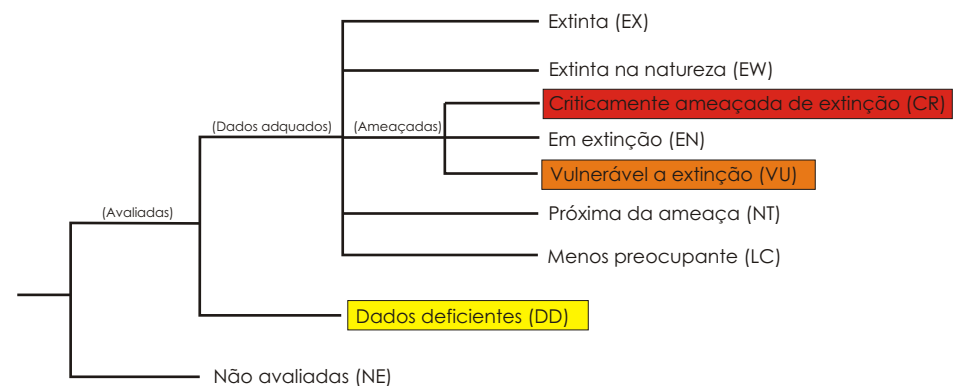
Os peixes recifais compartilham uma série de características morfológicas, comportamentais e fisiológicas que os tornam aptos a habitarem áreas recifais. Entre as principais características estão: interações reprodutivas e ecológicas dependentes da visão, corpo comprimido lateralmente, nadadeiras e músculos adaptados para nadar em ambiente com alta complexidade estrutural. Estas características estão geralmente associadas à necessidade de sobrevivência em um ambiente estruturalmente diversificado e com água normalmente transparente.

Espécies Ameaçadas

A implementação de unidades de conservação como a REBIOMAR tem, entre seus principais objetivos, a garantia da preservação de espécies ameaçadas de extinção e a promoção da pesquisa direcionada ao conhecimento destas. Como um primeiro passo para este fim, esta obra publica aqui uma lista das espécies de peixes encontradas na REBIOMAR, que são consideradas ameaçadas de extinção ou em vias disto, segundo a Lista Vermelha da "The International Union for the Conservation of Nature and Natural Resources" (IUCN, 2004).

No check list apresentado no capítulo seguinte, serão destacadas as espécies que aparecem na Lista Vermelha da IUCN, com cores que correspondem as categorias de ameaça ou necessidade de dados científicos.

Estrutura de categorias da IUCN com as cores utilizadas para destacar as espécies no check list a seguir.

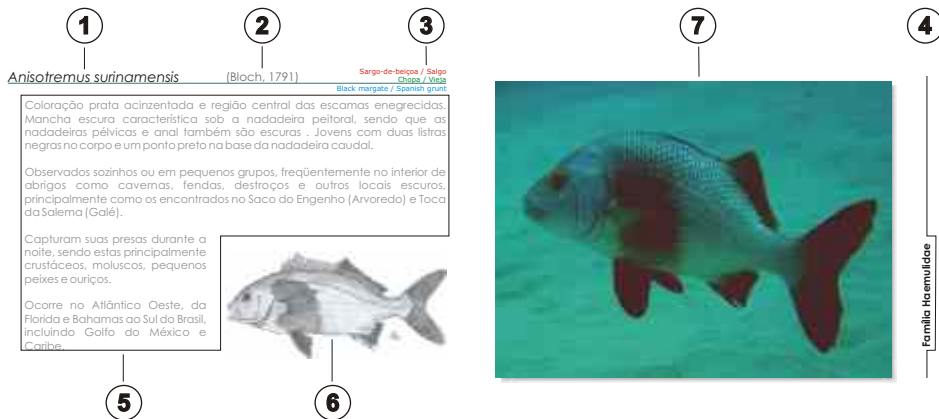


Como funciona o guia?

Neste primeiro momento, a preocupação foi apresentar de forma simples e prática algumas espécies encontradas na REBIOMAR. Assim, neste guia são fornecidos os passos fundamentais para a identificação de peixes recifais utilizando descrições morfológicas (cores, apêndices, nadadeiras,...), aspectos do comportamento dos exemplares, aliadas a importantes informações visuais (desenho e foto).

Para cada uma das espécies a seguir são apresentados:

- 1) O nome científico da espécie;
- 2) Nome do autor e data;
- 3) Nomes vulgares em Português (**vermelho**), Espanhol (**verde**) e Inglês (**azul**);
- 4) Nome da família à qual pertence;
- 5) Descrição geral sobre a espécie, procurando enfatizar características morfológicas que facilitem a sua identificação; preferências de habitat; hábitos comportamentais; alimentação; reação a mergulhadores e distribuição;
- 6) Desenho esquemático apontando com setas as principais características descritas;
- 7) Fotografia da espécie no ambiente natural.



Espécies de Peixes da REBIOMAR

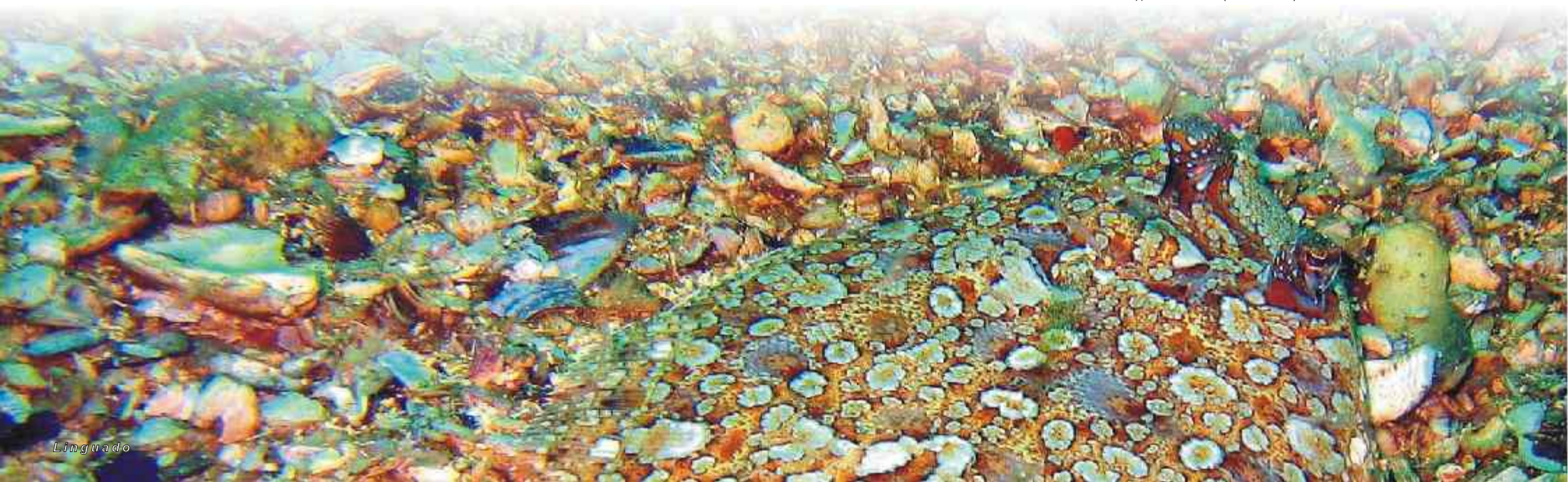
Ao longo de alguns anos e muitos mergulhos na REBIOMAR, nossa equipe pôde agregar informações importantes sobre a ictiofauna deste arquipélago. A tabela a seguir apresenta uma listagem de espécies de peixes recifais que foram registradas nos costões rochosos das ilhas que compõem a REBIOMAR, seguindo a classificação filogenética proposta por Eschmeyer (2003). No entanto, não é nosso objetivo apresentar um inventário definitivo, já que as pesquisas nesta área continuam em andamento. No futuro outras espécies de peixes recifais deverão certamente ser incluídas. Uma listagem mais abrangente, que inclui toda ictiofauna marinha da REBIOMAR está sendo elaborada e será discutida em um artigo científico a ser publicado numa revista especializada.

Ao todo são listadas abaixo a ocorrência de 157 espécies, distribuídas em 62 famílias e 14 ordens. Deste total, foram escolhidas para o guia ilustrado apresentado nas páginas seguintes 84 espécies, as quais representam boa parte das espécies mais conspícuas da REBIOMAR.

Ordem	Família	Espécie	Categoria IUCN
Rajiformes	Narcinidae	<i>Narcine brasiliensis</i> (Olfers, 1831)	
	Rajidae	<i>Atlantoraja cyclophora</i> (Regan, 1903)	
	Dasyatidae	<i>Pteroplatytrygon violacea</i> (Bonaparte, 1832)	
Anguilliformes	Myliobatidae	<i>Dasyatis</i> sp.	
		<i>Aetobatus narinari</i> (Euphrasen, 1790)	DD
	Muraenidae	<i>Gymnothorax moringa</i> (Cuvier, 1829)	
		<i>Gymnothorax vicinus</i> (Castelnau, 1855)	
		<i>Gymnothorax funebris</i> Ranzani, 1840	
		<i>Gymnothorax ocellatus</i> Agassiz, 1831	
		<i>Myrichthys breviceps</i> (Richardson, 1848)	
		<i>Myrichthys ocellatus</i> (Lesueur, 1825)	
		<i>Engraulis anchoita</i> Hubbs & Marini, 1935	
		<i>Sardinella brasiliensis</i> (Eigenmann, 1894)	
Clupeiformes	Engraulidae	<i>Engraulis anchoita</i> Hubbs & Marini, 1935	
	Clupeidae	<i>Sardinella brasiliensis</i> (Eigenmann, 1894)	
Aulopiformes	Synodontidae	<i>Synodus synodus</i> (Linnaeus, 1758)	
		<i>Synodus foetens</i> (Linnaeus, 1766)	
Batrachoidiformes	Batrachoididae	<i>Porichthys porosissimus</i> (Cuvier, 1829)	
Lophiiformes	Antennariidae	<i>Antennarius striatus</i> (Shaw, 1794)	
	Ogcocephalidae	<i>Ogcocephalus vespertilio</i> (Linnaeus, 1758)	
Beloniformes	Exocoetidae	<i>Exocoetus volitans</i> Linnaeus, 1758	
Beryciformes	Hemiramphidae	<i>Hyporhamphus unifasciatus</i> (Ranzani, 1842)	
	Holocentridae	<i>Holocentrus adscensionis</i> (Osbeck, 1765)	
		<i>Myripristis jacobus</i> Cuvier, 1829	
Syngnathiformes	Syngnathidae	<i>Hippocampus erectus</i> Perry, 1810	VUA4cd
		<i>Hippocampus reidi</i> Ginsburg, 1933	DD
		<i>Halicampus crinitus</i> (Jenyns, 1842)	
Syngnathiformes	Fistulariidae	<i>Fistularia petimba</i> Lacepède, 1803	
		<i>Fistularia tabacaria</i> Linnaeus, 1758	
Scorpaeniformes	Dactylopteridae	<i>Dactylopterus volitans</i> (Linnaeus, 1758)	
	Scorpaenidae	<i>Scorpaena brasiliensis</i> Cuvier, 1829	
		<i>Scorpaena isthmensis</i> Meek & Hildebrand, 1928	

Ordem	Família	Espécie	Categoria IUCN
Perciformes	Centropomidae	<i>Centropomus undecimalis</i> (Bloch, 1792) <i>Centropomus parallelus</i> Poey, 1860	
	Serranidae	<i>Diplectrum radiale</i> (Quoy & Gaimard, 1824) <i>Dules auriga</i> Cuvier, 1829 <i>Epinephelus adscensionis</i> (Osbeck, 1765) <i>Epinephelus itajara</i> (Lichtenstein, 1822) <i>Epinephelus marginatus</i> (Lowe, 1834) <i>Epinephelus morio</i> (Valenciennes, 1828) <i>Epinephelus niveatus</i> (Valenciennes, 1828) <i>Mycteroperca acutirostris</i> (Valenciennes, 1828) <i>Mycteroperca bonaci</i> (Poey, 1860) <i>Mycteroperca interstitialis</i> (Poey, 1860) <i>Mycteroperca microlepis</i> (Goode & Bean, 1879) <i>Serranus atrobranchus</i> (Cuvier, 1829) <i>Serranus flaviventris</i> (Cuvier, 1829) <i>Serranus phoebe</i> Poey, 1851	CR A1d+2d EM A2d NT VU A1d, B1+2e VU A1bd+2d
	Priacanthidae	<i>Priacanthus arenatus</i> Cuvier, 1829	
	Apogonidae	<i>Apogon pseudomaculatus</i> Longley, 1932	
	Malacanthidae	<i>Malacanthus plumieri</i> (Bloch, 1786)	
	Pomatomidae	<i>Pomatomus saltatrix</i> (Linnaeus, 1766)	
	Echeneidae	<i>Echeneis naucrates</i> Linnaeus, 1758	
	Rachycentridae	<i>Rachycentron canadum</i> (Linnaeus, 1766)	
	Mugilidae	<i>Mugil curema</i> Valenciennes, 1836 <i>Mugil platanus</i> Günther, 1880	
	Carangidae	<i>Carangoides crysos</i> (Mitchill, 1815) <i>Carangoides ruber</i> (Bloch 1793). <i>Oligoplites saliens</i> (Bloch, 1793) <i>Pseudocaranx dentex</i> (Bloch & Schneider, 1801) <i>Selar crumenophthalmus</i> (Bloch, 1793) <i>Selene vomer</i> (Linnaeus, 1758) <i>Seriola dumerili</i> (Risso, 1810) <i>Seriola rivoliana</i> Valenciennes, 1833	

Ordem	Família	Espécie	Categoria IUCN
Perciformes	Carangidae	<i>Trachinotus carolinus</i> (Linnaeus, 1766) <i>Trachinotus falcatus</i> (Linnaeus, 1758) <i>Trachinotus goodei</i> Jordan & Evermann, 1896 <i>Alectis ciliaris</i> (Bloch, 1787)	
	Lutjanidae	<i>Lutjanus analis</i> (Cuvier, 1828) <i>Lutjanus synagris</i> (Linnaeus, 1758) <i>Lutjanus cyanopterus</i> (Cuvier, 1828) <i>Lutjanus jocu</i> (Bloch & Schneider, 1801)	VU A2d, B1+2e VU A2d
	Gerreidae	<i>Diapterus rhombeus</i> (Cuvier, 1829) <i>Eucinostomus argenteus</i> Baird & Girard, 1855 <i>Anisotremus surinamensis</i> (Bloch, 1791) <i>Anisotremus virginicus</i> (Linnaeus, 1758) <i>Haemulon aurolineatum</i> Cuvier, 1830 <i>Haemulon parra</i> (Desmarest, 1823) <i>Haemulon steindachneri</i> (Jordan & Gilbert, 1882) <i>Orthopristis ruber</i> (Cuvier, 1830)	
	Haemulidae		
	Sparidae	<i>Archosargus probatocephalus</i> (Walbaum, 1792) <i>Archosargus rhomboidalis</i> (Linnaeus, 1758) <i>Calamus pennatula</i> Guichenot, 1868 <i>Diplodus argenteus</i> (Valenciennes, 1830) <i>Odontoscion dentex</i> (Cuvier, 1830) <i>Pareques acuminatus</i> (Bloch & Schneider, 1801) <i>Pseudupeneus maculatus</i> (Bloch, 1793) <i>Pempheris schomburgkii</i> Müller & Troschel, 1848	
	Sciaenidae		
	Mullidae		
	Pempheridae		
	Chaetodontidae	<i>Chaetodon striatus</i> Linnaeus, 1758 <i>Chaetodon sedentarius</i> Poey, 1860	
	Chaetodontidae	<i>Holacanthus ciliaris</i> (Linnaeus, 1758) <i>Holacanthus tricolor</i> (Bloch, 1795) <i>Pomacanthus paru</i> (Bloch, 1787) <i>Pomacanthus arcuatus</i> (Linnaeus, 1758)	
	Pomacanthidae		
	Kyphosidae	<i>Kyphosus sectatrix</i> (Linnaeus, 1758) <i>Kyphosus incisor</i> (Cuvier, 1831)	



Ordem	Família	Espécie	Categoria IUCN
Perciformes	Cirrihitidae	<i>Amblycirrhitus pinos</i> (Mowbray, 1927)	
		<i>Abudefduf saxatilis</i> (Linnaeus, 1758)	
	Pomacentridae	<i>Chromis jubauna</i> Moura, 1995	
		<i>Chromis multilineata</i> (Guichenot, 1853)	
		<i>Stegastes fuscus</i> (Cuvier, 1830)	
		<i>Stegastes pictus</i> (Castelnau, 1855)	
		<i>Stegastes variabilis</i> (Castelneu, 1855)	
		<i>Bodianus pulchellus</i> (Poey, 1860)	
	Labridae	<i>Bodianus rufus</i> (Linnaeus, 1758)	
		<i>Halichoeres poeyi</i> (Steindachner, 1867)	
	Scaridae	<i>Thalassoma noronhanum</i> (Boulenger, 1890)	
		<i>Cryptotomus roseus</i> Cope, 1871	
		<i>Scarus trispinosus</i> Valenciennes, 1840	
		<i>Sparisoma amplum</i> (Ranzani, 1842)	
		<i>Sparisoma tuiupiranga</i> Gasparini, Joyeux & Floeter, 2003	
		<i>Sparisoma axillare</i> (Steindachner, 1878)	
		<i>Sparisoma frondosum</i> (Agassiz, 1831)	
	Labrisomidae	<i>Sparisoma radians</i> (Valenciennes, 1840)	
		<i>Labrisomus nuchipinnis</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	
		<i>Labrisomus kalisherai</i> (Jordan, 1904)	
		<i>Malaccoctenus delalandii</i> (Valenciennes, 1836)	
		<i>Paraclinus spectator</i> Guimarães & Bacelar, 2002	
	Chaenopsidae	<i>Starksia brasiliensis</i> (Gilbert, 1900)	
<i>Emblemariopsis signifera</i> (Ginsburg, 1942)			
Blenniidae	<i>Hypoleurochilus fissicornis</i> (Quoy & Gaimard, 1824)		
	<i>Hypoleurochilus pseudoaequipinnis</i> Bath, 1994		
	<i>Hypsoblennius invemar</i> Smith-Vaniz & Acero, 1980		
	<i>Ophioblennius atlanticus</i> (Valenciennes, 1836)		
Blenniidae	<i>Parablennius marmoreus</i> (Poey, 1876)		
	<i>Parablennius pilicornis</i> (Cuvier, 1829)		
	<i>Scartella cristata</i> (Linnaeus, 1758)		



Salivão

Ordem	Família	Espécie	Categoria IUCN
Perciformes	Gobiesocidae	<i>Gobiesox barbatus</i> Starks, 1913	
		<i>Tomicodon fasciatus</i> (Peters, 1859)	
Pleuronectiformes	Gobiidae	<i>Barbulifer ceuthoecus</i> (Jordan & Gilbert, 1884)	
		<i>Bathygobius soporator</i> (Valenciennes, 1837)	
		<i>Gobiosoma albae</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1888)	
	Ephippidae	<i>Gobiosoma nudum</i> (Meek & Hildebrand, 1928)	
		<i>Chaetodipterus faber</i> (Broussonet, 1782)	
	Acanthuridae	<i>Acanthurus bahianus</i> Castelnau, 1855	
		<i>Acanthurus chirurgus</i> (Bloch, 1787)	
	Sphyraenidae	<i>Sphyraena guachancho</i> Cuvier, 1829	
		<i>Sphyraena barracuda</i> (Walbaum, 1792)	
	Trichiuridae	<i>Sphyraena sphyraena</i> (Linnaeus, 1758)	
<i>Trichiurus lepturus</i> Linnaeus, 1758			
Bothidae	<i>Bothus ocellatus</i> (Agassiz, 1831)		
	<i>Bothus robinsi</i> Topp & Hoff, 1972		
Paralichthyidae	<i>Syacium micrurum</i> Ranzani, 1842		
	<i>Gymnachirus nudus</i> Kaup, 1858		
Achiridae	<i>Balistes capricus</i> Gmelin, 1789		
	<i>Balistes vetula</i> Linnaeus, 1758		
Balistidae	<i>Aluterus monoceros</i> (Linnaeus, 1758)		
	<i>Aluterus scriptus</i> (Osbeck, 1765)		
Monacanthidae	<i>Stephanolepis hispidus</i> (Linnaeus, 1766)		
	<i>Acanthostracion polygonius</i> Poey, 1876		
Ostraciidae	<i>Acanthostracion quadricornis</i> (Linnaeus, 1758)		
	<i>Lactophrys trigonus</i> (Linnaeus, 1758)		
Tetraodontidae	<i>Canthigaster figueiredoi</i> Moura & Castro, 2002		
	<i>Sphaeroides greeleyi</i> Gilbert, 1900		
	<i>Sphaeroides spengleri</i> (Bloch, 1785)		
	<i>Sphaeroides testudineus</i> (Linnaeus, 1758)		
Diodontidae	<i>Cyathostethus spinosus</i> (Linnaeus, 1758)		
	<i>Diodon hirtix</i> Linnaeus, 1758	VU A2d	



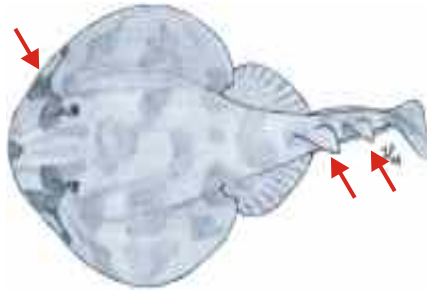
Maria nagô

Porção anterior do corpo arredondada, com duas nadadeiras dorsais na cauda que é relativamente pequena. Esta espécie de raia atinge cerca de 54 cm. Possui uma coloração de areia, pálida, muitas vezes com elipses negras nos lados do disco. Bandas escuras ao longo da cauda até a nadadeira dorsal, focinho mais escuro. Manchas muito contrastantes nos jovens (detalhe).

Habita águas costeiras, em fundos de areia ou lodo. É comum ao longo de praias arenosas e ocasionalmente pode ser observada próximo dos costões rochosos. Esconde-se sob o sedimento do fundo, deixando somente os olhos à mostra. O nome "treme-treme" é dado em função de sua capacidade em liberar descargas elétricas entre 14 a 37 volts. Esta raia também possui um outro órgão elétrico bilateralmente no corpo ao qual especula-se função de comunicação social.

De hábito noturno, pode utilizar suas descargas elétricas para capturar poliquetas, enguias, anêmonas e pequenos crustáceos.

Na América do Sul, ocorre do Espírito Santo ao Norte da Argentina. Reportado da Carolina do Norte à Flórida e parte do Golfo do México.

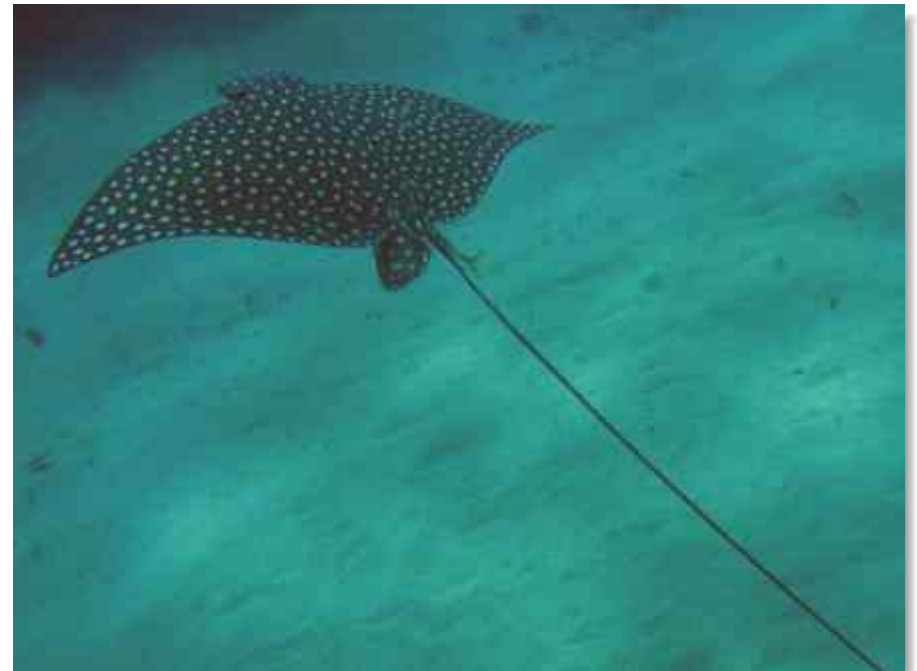


Apresenta um focinho característico, longo e achatado como um "bico de pato" e cabeça espessa. Disco de coloração preta azulada, com pintas brancas e um longo rabo em forma de chicote, provido de um a cinco espinhos venenosos junto à base.

É encontrada em águas rasas próximas à costa até profundidades de 80 m, junto a costões rochosos como os das Ilhas que compõe a REBIOMAR, ou mesmo sobre fundos de areia. Pode ser observada nadando próximo ao fundo contornando as estruturas de fundos rochosos ou mesmo junto à superfície, e realizando saltos para fora da água. Normalmente solitária, mas pode ocorrer aos pares ou em cardumes.

Alimenta-se principalmente de bivalves capturados através de escavações na areia. Também comem camarões, caranguejos, polvos, poliquetas, gastrópodes e pequenos peixes.

No Atlântico Oeste, ocorre da Carolina do Norte ao Sul do Brasil, incluindo Bermudas, Golfo do México e Caribe. Atlântico Leste da Mauritânia a Angola e também no Pacífico (Indo-Pacífico e Pacífico Leste).



Gymnothorax moringa

(Cuvier, 1829)

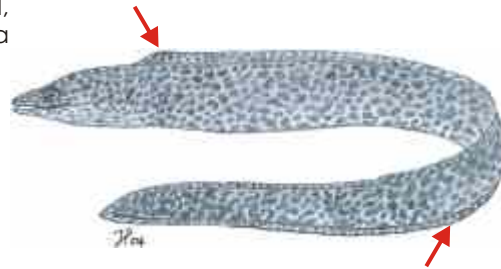
Moréia-pintada
Morena manchada
Spotted moray

Coloração geral marrom-escuro, fundo branco a amarelado com muitas manchas irregulares escuras que dão um aspecto marmoreado, margens das nadadeiras dorsal e anal negras e maxilar inferior com três manchas esbranquiçadas nem sempre evidentes.

Atinge até 120 cm de comprimento. Habita fundos rochosos e geralmente é encontrada dentro de sua toca com apenas a cabeça para fora. Por ser um peixe diurno pode ser observado nadando livremente em busca de alimento.

Piscívora, quando dentro da toca assumem um aspecto assustador abrindo e fechando a boca para respirar. Apesar da aparência as moréias são animais pacíficos que podem morder apenas quando ameaçadas.

Ocorrem em todo o Atlântico tropical, na porção ocidental desde a Carolina do Norte até Santa Catarina.



Gymnothorax funebris

Ranzani, 1840

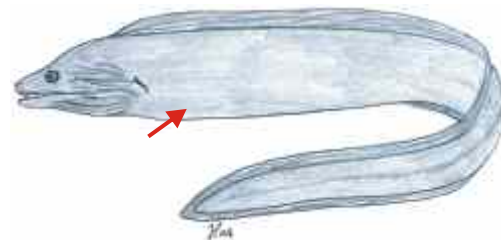
Caramuru / Moréia-verde
Murena verde
Green moray

Moréia de grande porte de coloração verde a marrom uniforme. Distingui-se de *G. moringa* (acima), justamente por não apresentar marcas ou manchas pelo corpo. Conhecida pelo seu grande tamanho e por sua agressividade que se expressa quando se sente ameaçada. Sua mordida é considerada particularmente perigosa.

Trata-se de uma espécie bêntica, solitária que ocupa uma gama variada de habitats, desde baías com grande carga de sedimentos finos até recifes e costões de águas claras. Abriga-se em fendas durante o dia, freqüentemente com a cabeça para fora, abrindo e fechando a boca para respirar.

Durante a noite sai à procura de presas, principalmente crustáceos e peixes entre as rochas ou em locais mais abertos.

Ocorre no Atlântico Ocidental do Canadá até o Sul do Brasil, incluindo Bermudas, Caribe e Golfo do México. Também no Atlântico e Pacífico Oriental.



Myrichthys ocellatus

(LeSueur, 1825)

Falsa-moréia-pintada
Safio-ocelado
Goldspotted eel

Peixe anguiliforme de aspecto inconfundível podendo alcançar 110 cm de comprimento. O corpo é pálido ou castanho-esverdeado, com o ventre verde claro. Apresenta ocelos escuros com o centro amarelo brilhante.

Ocorre preferencialmente em zonas de areia (onde se costuma enterrar) com plantas angiospérmicas gramíneas marinhas e/ou algas, associados a costões rochosos, sobretudo com cobertura de algas calcáreas e zoanfídeos. Tem hábitos essencialmente noturnos e alimenta-se sobretudo de caranguejos, mas pode ser observada também durante o dia. Indiferente à aproximação de mergulhadores.

Típica de águas pouco profundas, é muito comum no Atlântico ocidental desde as Bermudas e o Sul da Flórida até Santa Catarina. Também ocorre em algumas regiões tropicais e equatoriais do Atlântico oriental.

Nota: Enquanto nada à busca de alimentos, pode ser seguida por outras espécies oportunistas como a garoupa-verdadeira (*Epinephelus marginatus*). Esta, por sua vez, preda os organismos afugentados das tocas.



Myrichthys breviceps

(Richardson, 1848)

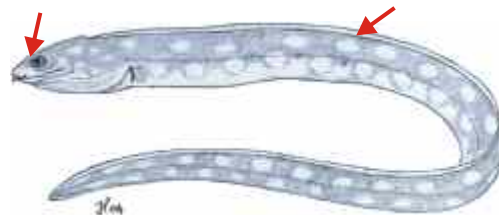
Falsa-moréia
Safio-de-manchas-brancas
Sharptail-eel

Espécie muito similar a *M. ocellatus* (acima), corpo anguiliforme fino, coloração clara, marrom ou acinzentada, com pontos pálidos distribuídos por todo o corpo que freqüentemente apresentam centros amarelados. Pequenos pontos amarelados na cabeça.

Ocorre principalmente em áreas de pequenos seixos e blocos de rocha, recifes ou mesmo em bancos de gramíneas marinhas. Em geral ocupa abrigos durante o dia, nadando junto ao substrato a noite a procura de alimento. Suas principais presas são os pequenos crustáceos como caranguejos.

Parece não se importar com a presença de mergulhadores, permitindo a aproximação antes de desaparecerem na areia ou nas frestas entre as rochas.

Ocorre nas Bermudas, Florida, Bahamas, México e Antilhas até Santa Catarina.

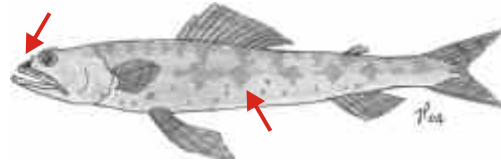


Esta espécie pode ser facilmente diferenciada por possuir um ponto negro na extremidade do focinho. Manchas escuras transversais e ligeiramente difusas ao longo do corpo. Com um corpo esguio e comprido, tem a cabeça e boca relativamente grandes, com muitos dentes aparentes. Coloração bege-acinzentado, confundindo-se com o substrato sobre o qual espreitam suas presas.

Encontrada próximo a costões rochosos e outros substratos consolidados, pode ser avistada enterrada à espreita de presas potenciais. Geralmente quieto e parado, no momento da predação dispara rapidamente contra a presa. Atinge cerca de 30 cm e é um piscívoro voraz.

Possui distribuição ampla, ocorrendo no Atlântico Leste em Madeira, Ilhas Canárias, Santa Helena e São Tomé. No Atlântico Oeste dos Estados Unidos, Golfo do México até o Uruguai, incluindo o Caribe.

Nota: Existem outras espécies deste gênero no Brasil, entretanto esta é a mais comum na REBIOMAR e arredores.



Peixe de hábitos demersais distribuindo-se dos 30 aos 200 m de profundidade. O corpo é achatado dorso-ventralmente. A pele não possui escamas. O dorso é marrom-acinzentado, com reflexos prateados lateralmente e amarelados no ventre. A parte superior do corpo apresenta sete bandas largas e escuras. As membranas das nadadeiras dorsal e peitoral apresentam manchas circulares escuras.

Atinge um comprimento máximo raramente superior a 30 cm. Prefere fundos de areia e lodo, mas aproxima-se do costão rochoso para reproduzir, depositando uma massa de ovos aderentes junto às rochas. São geralmente capturados por embarcações de arrasto.

Alimenta-se de pequenos peixes e crustáceos e é alvo de uma pequena exploração comercial tipicamente localizada.

Ocorre no Oeste do Atlântico Sul, desde o Rio de Janeiro até ao Leste da Argentina.



Ogcocephalus vespertilio

(Linnaeus, 1758)

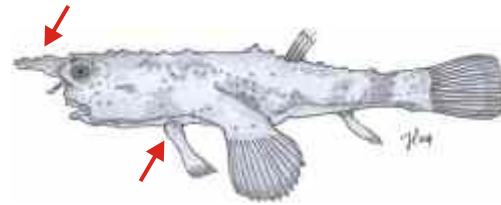
Peixe-morcego
Pez-diablo-narizón
Longnosed batfish

Trata-se de uma espécie virtualmente inconfundível, sobretudo devido ao seu focinho extremamente longo e por manter-se numa postura apoiado em suas nadadeiras peitorais. Estas permitem que o peixe "caminhe" sobre o fundo numa movimentação reptante muito característica.

Apresenta uma coloração geral marrom, com manchas negras separadas por linhas mais claras que formam um reticulado nas faces, nos lados do pedúnculo caudal e nas axilas peitorais.

O seu comprimento máximo raramente ultrapassa os 30 cm, sendo uma espécie normalmente associada a recifes e baixas profundidades. Alimenta-se de pequenos organismos, sobretudo crustáceos e moluscos.

Ocorre no Atlântico Ocidental desde as Antilhas ao Sul do Brasil, sendo explorada comercialmente em alguns estados Brasileiros.



Nas Antilhas está pontualmente associado a envenenamentos ciguatéricos.



Família Ogcocephalidae

Holocentrus adscensionis

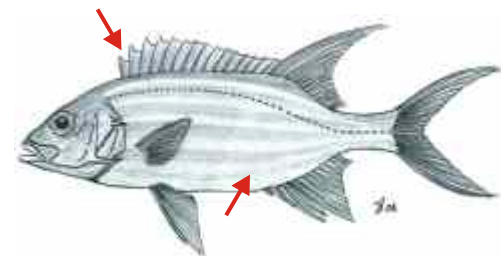
(Osbeck, 1765)

Jaguarecá / Mariquita
Candil / Carajuelo
Squirrelfish

Uma das características mais marcantes são os olhos avermelhados de grandes proporções, distinguindo-se de *Myripristis jacobus* (espécie também comum na REBIOMAR) (pág. 48) pela coloração amarelada do início da nadadeira dorsal. Coloração do corpo composta por manchas brancas e avermelhadas.

Espécie de hábitos noturnos que pode atingir até 61 cm de comprimento total. Durante o dia ocupa abrigos escuros formados por fendas e cavidades entre rochas. Muitas vezes produzem sons e quando encontram mergulhadores tendem a procurar as porções mais escuras dos abrigos, de onde continuam a observar-los.

É encontrada desde ambientes de costões rochosos e recifes costeiros com profundidades inferiores a 1 m até o mar aberto em profundidades próximas aos 180 m. Alimenta-se principalmente de pequenos crustáceos, capturados durante a noite sobre fundos arenosos ou bancos de gramíneas marinhas.



No Atlântico Ocidental ocorre desde a Carolina do Norte (EUA), Golfo do México, Bermudas e Caribe até o Sul do Brasil. Também é encontrada nos Rochedos de São Pedro e São Paulo e Ilhas Santa Helena e Ascensão.



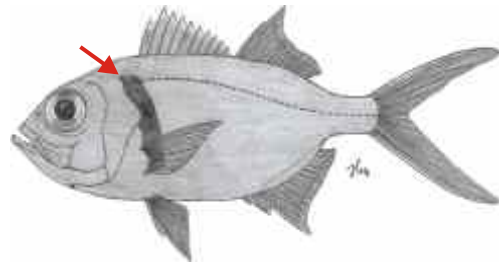
Família Holocentridae

Característica marcante que distingue esta espécie de *Holocentrus adscensionis* (pág.46), além do formato do corpo mais ovalado, é a presença de uma mancha escura sobre a margem posterior do opérculo. Coloração do corpo toda avermelhada, inclusive a nadadeira dorsal.

Espécie de hábitos noturnos, com olhos grandes, que pode atingir 25 cm de comprimento total. Durante o dia ocupa abrigos formados por fendas e cavidades entre rochas, mas também pode ser observada em cardumes na coluna d'água. Permite a aproximação do mergulhador.

Alimenta-se principalmente de organismos planctônicos, e em alguns momentos pode ser observado nadando com a parte dorsal para baixo.

No Atlântico Ocidental ocorre desde a Carolina do Norte (EUA), Golfo do México, Bahamas, Caribe até o sul do Brasil. Também é encontrada nos Rochedos de São Pedro e São Paulo e Ilhas Santa Helena, Ascensão e Cabo Verde.



Peixe de pequeno porte que atinge cerca de 15 cm. Pertence à mesma família dos cavalos marinhos, mas seu corpo é extremamente afilado. Possui anéis verticais ao longo do corpo intercalando entre as cores marrom e amarelado.

Habita os interstícios existentes entre as rochas do costão. São fáceis de observar quando procurados por olhos atentos, principalmente nas proximidades de gorgônias. Muitas vezes são encontrados em casais. São ovovivíparos sendo que os machos possuem uma bolsa marsupial utilizada no cuidado parental dos ovos.

Alimenta-se de invertebrados planctônicos e bentônicos bastante pequenos.

Permanece imóvel ao encontrar mergulhadores, confiando em sua camuflagem, mas busca logo algum esconderijo quando sente-se ameaçado.

No Atlântico Ocidental é registrado em Bermudas, de Bahamas a Bahia, Abrolhos e Fernando de Noronha e Santa Catarina, Incluindo a Leste da Florida e uma única ocorrência no Golfo do México.

Nota: Existem outras espécies semelhantes que habitam o costão rochoso, entretanto esta é a de mais fácil observação.



Hippocampus reidi

Ginsburg, 1933

Cavalo-marinho
Caballito de mar
Longsnout seahorse

Apresenta uma ampla gama de cores, desde amarelo até alaranjado/avermelhado, marrom ou mesmo preto. Alguns exemplares podem apresentar duas tonalidades ou mesmo pequenos pontos pretos distribuídos pelo corpo. Corpo envolvido por placas ósseas articuladas e presença de raios apenas nas nadadeiras peitorais e dorsal. Difere de *H. erectus* pelo focinho mais longo.

Vive próximo ao fundo, com pouca mobilidade, agarrado ao sargaço e gorgônias. Ocorre em profundidades até dez metros. Na REBIOMAR pode ser observada especialmente junto às gramíneas marinhas. Difícil de ser encontrada em função do mimetismo. Procura se mesclar ao ambiente, fixando-se a substratos com coloração e estrutura similares ao seu corpo.

Espécie monogâmica, ovovivípara. O macho fecunda os ovos em sua bolsa abdominal onde os mantém durante todo o desenvolvimento do embrião.

Alimenta-se de zooplâncton em geral. Permite aproximação e raramente se move.

No Atlântico Ocidental é encontrado da Carolina do Norte, Bahamas, Bermuda até Santa Catarina.



Família Syngnathidae

Dactylopterus volitans

(Linnaeus, 1758)

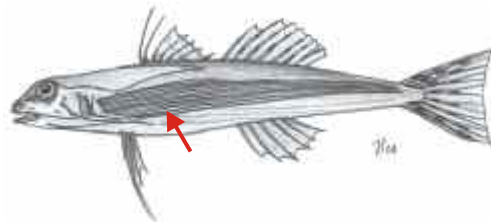
Coió / Cabra-voadora
Volador
Flying gurnard

A nadadeira peitoral é muito ampla e possui os raios unidos por uma membrana que quando distendidas se assemelham a uma "asa". Coloração do corpo variável de cinza a marrom-amarelado com pintas azuis no dorso, ventre claro, manchas e estrias azuis nas peitorais evidentes quando distendidas, podem ficar mais claros ou escuros de acordo com o fundo.

Atinge 45 cm de comprimento, mas em geral não ultrapassa 30 cm. Habita fundos de areia e cascalho próximo do costão rochoso.

Utiliza a parte curta da nadadeira peitoral para vasculhar a areia em busca de alimento. Come invertebrados bentônicos principalmente caranguejos, bivalves e peixes pequenos. Ignora a presença do mergulhador, mas quando ameaçados abrem suas amplas nadadeiras peitorais para parecer maior e afugentar o predador.

Ocorre em todo o Atlântico, na porção Ocidental dos Estados Unidos até a Argentina. No Arvoredo é um peixe comum mas para observá-lo o mergulhador deve estar atento e percorrer a interface costão/areia.



Família Dactylopteridae

Centropomus undecimalis

(Bloch, 1792)

Robalo flecha
Robalo blanco
Common snook

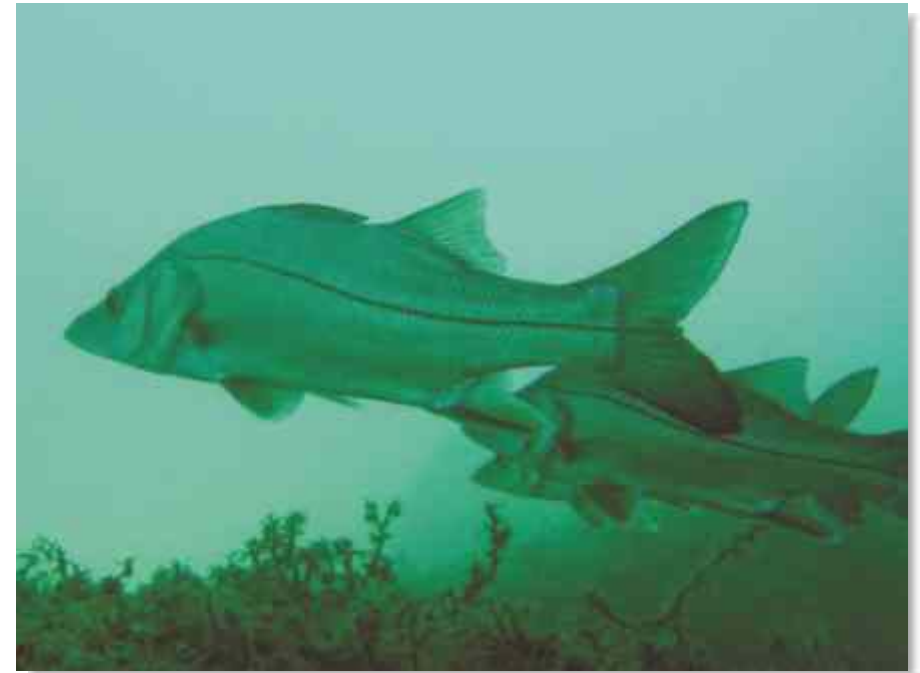
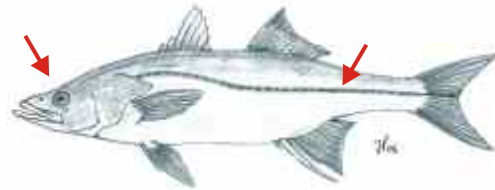
Apresenta linha lateral negra bem evidente e uma leve depressão na cabeça. Nadadeira pélvica não atinge o ânus em exemplares maiores que 12 cm. Apresenta de 70 a 73 escamas na fileira acima da linha lateral.

Podendo alcançar 1,4 m e ultrapassar os 24 Kg, alimenta-se de camarões, crustáceos e pequenos peixes. Durante o período reprodutivo é comum encontrar o próximo a estuários, utilizados como áreas de berçário.

É encontrado geralmente formando cardumes, as vezes muito numerosos, em zonas sombreadas e calmas, a alguns metros do fundo. É de fácil aproximação quando o mergulhador não faz movimentos bruscos ou ameaçadores.

Ocorre na Flórida, Antilhas, na costa da América do Sul e Central, do Golfo do México ao Sul do litoral Brasileiro.

Nota: Forma cardumes multiespecíficos com *C. parallelus* (robalo-peba, que tem 79 a 89 escamas na fileira acima da linha lateral).



Família Centropomidae

Epinephelus adscensionis

(Osbeck, 1765)

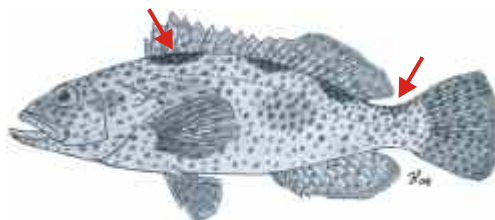
Peixe-gato
Mero cabrilla
Rock hind

Corpo e nadadeiras cobertas por pontos escuros, algumas vezes avermelhados. Chamam a atenção as manchas escuras (1 a 3) na base da nadadeira dorsal e uma sobre o pedúnculo caudal.

Normalmente solitário, é encontrado sobre estruturas rochosas ou mesmo sobre a areia, podendo variar a coloração drasticamente entre claro e escuro dependendo do substrato.

Sua alimentação consiste basicamente de caranguejos e peixes. Existem também relatos da presença de jovens tartarugas marinhas entre seus itens alimentares. Permite a aproximação do mergulhador.

Ocorrência registrada para esta espécie no Oceano Atlântico Ocidental desde Massachusetts, até o Sul do Brasil, incluindo Bermudas, Golfo do México e Caribe. No Atlântico Oriental nas Ilhas Ascensão e Santa Helena, com registros duvidosos para as Canárias, Cabo Verde e África do Sul.



Nota: Raro na REBIOMAR.



Família Serranidae

Epinephelus itajara

(Lichtenstein, 1822)

Mero / Canapú
Mero guasa
Jewfish / Goliath grouper

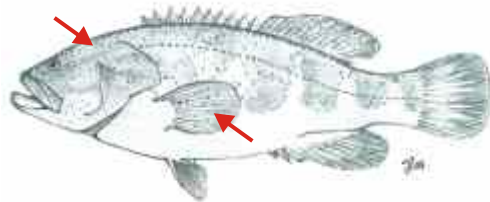
Entre as espécies observadas na região, é a que pode atingir maior tamanho (aproximadamente 400 kg). Facilmente distinguida pela coloração marrom amarelada com pequenos pontos negros sobre o corpo, nítidos junto ao opérculo e nadadeiras peitorais.

O jovem ocupa principalmente estuários e baías abrigadas. O adulto, em geral solitário, está associado a ambientes de substrato rochoso, como costões e parcéis ou mesmo recifes artificiais. É encontrado no interior de abrigos amplos ou sobre cavidades no fundo de areia/lama escavadas junto à estruturas sólidas.

Alimenta-se principalmente de crustáceos (lagostas e caranguejos), moluscos (polvos) e peixes. Há relatos da ocorrência de tartarugas na sua alimentação.

No Atlântico Oeste, ocorre da Florida a Santa Catarina, incluindo Bermudas, Golfo do México e Caribe. No Atlântico Leste, do Senegal ao Congo, Canárias e no Oceano Pacífico do Golfo da Califórnia ao Peru.

Nota: Espécie criticamente ameaçada, protegida pela Portaria IBAMA N°121/2002.



Epinephelus marginatus

(Lowe, 1834)

Garoupa-verdadeira
Mero moreno
Dusky grouper

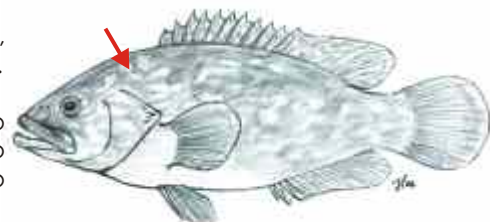
Espécie de corpo robusto, possui uma coloração negra a marrom com manchas esverdeadas irregulares. Jovem com uma série de pequenos pontos brancos por todo o corpo que somem ao longo da vida. Atinge 1,5 m de comprimento e 150 Kg.

O jovem desta espécie pode ser encontrado em águas rasas, costões, estuários e recifes costeiros. À medida que cresce, dirige-se para águas mais profundas, podendo ser encontrado até 500 m de profundidade. Na REBIOMAR, exemplares pequenos podem ser observados com maior frequência do que os adultos, que em geral ocorrem em fundos rochosos mais afastados da costa.

Quando não se sente ameaçado, o adulto pode seguir mergulhadores buscando espreita-los à distância, junto de algum abrigo. Jovens parecem ligados a um determinado local de onde raramente se afastam, quando ameaçados podem sair do local, entretanto normalmente retornam assim que a ameaça cessa.

O adulto alimenta-se de peixes, gastrópodes, cefalópode e crustáceos.

Sua distribuição inclui o Oceano Pacífico Oriental Tropical e o Atlântico Ocidental, de Massachusetts ao Rio Grande do Sul.



Epinephelus niveatus

(Valenciennes, 1828)

Cherne
Cherna pintada
Snowy grouper

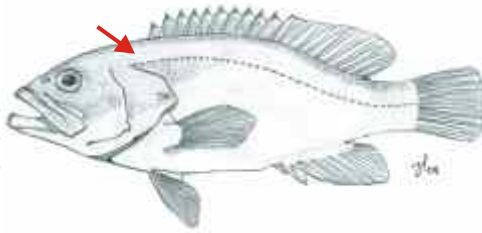
Espécie de corpo robusto possui uma coloração negra a marrom. Jovem com uma série de pequenos pontos brancos por todo o corpo que somem ao longo da vida. Atinge 1,5 m de comprimento e 150 Kg.

O jovem desta espécie pode ser encontrado em águas rasas, costões, estuários e recifes costeiros. À medida que cresce, dirige-se para águas mais profundas, podendo ser encontrado até 500 m de profundidade. Na REBIOMAR, exemplares pequenos podem ser observados com maior frequência do que os adultos, que em geral ocorrem em fundos rochosos mais afastados da costa.

Quando não se sente ameaçado, o adulto pode seguir mergulhadores buscando espreita-los à distância, junto de algum abrigo. Jovens parecem ligados a um determinado local de onde raramente se afastam, quando ameaçados podem sair do local, entretanto normalmente retornam assim que a ameaça cessa.

O adulto alimenta-se de peixes, gastrópodes, cefalópode e crustáceos.

Sua distribuição inclui o Oceano Pacífico Oriental Tropical e o Atlântico Ocidental, de Massachusetts ao Rio Grande do Sul.



Mycteroperca acutirostris

(Valenciennes, 1828)

Badejo-mira
Cuna negra
Comb grouper

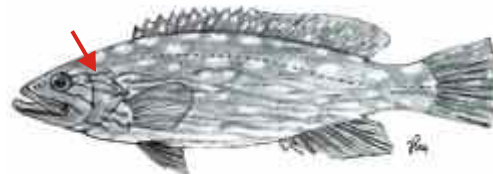
O jovem apresenta manchas irregulares laterais no corpo. Cabeça com três a quatro estrias escuras irradiando do olho para trás até pelo menos a margem do opérculo. Cor marrom-escura uniforme nos grandes exemplares. Primeiro arco branquial com 50 a 60 rastros branquiais.

Cresce até cerca de 80 cm, habita o ecótono rocha-areia; comum sobre rochas em pradarias de sargaço e Padina. Durante o verão forma cardumes, possivelmente para fins reprodutivos.

Alimenta-se principalmente de peixes e em menor escala de zooplâncton. Espécie curiosa, mas um pouco arisca. Desconfiada, aproxima-se facilmente do mergulhador mas foge com qualquer movimento brusco.

É raro no Norte e ocasional no Sul do Caribe. Está presente no Atlântico Oeste onde distribui-se até o Sul do Brasil. É uma das espécies mais comuns do Sudeste-Sul do Brasil.

Nota: Antigamente classificado como *Mycteroperca rubra*, ocorrente no Atlântico Leste e Mediterrâneo.



Mycteroperca bonaci

(Poey, 1860)

Badejo quadrado
Bonaci
Black grouper

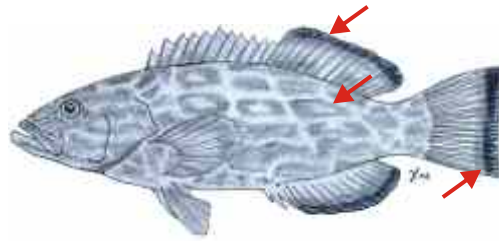
Cor muito variável, mas geralmente com manchas retangulares escuras na parte lateral superior do corpo e manchas hexagonais na parte inferior do corpo e na cabeça. Nadadeiras dorsal e anal negras, algumas vezes azuladas. Peitorais de coloração marrom, com extremidades pálidas a amareladas. Caudal com uma larga borda negra e na extremidade uma fina linha branca.

Espécie de badejo que pode atingir até 100kg. Menos comum na REBIOMAR do que *M. acutirostris* (pág. 56). Específico de costões, recifes e parcéis, até aproximadamente 30 metros de profundidade. O adulto prefere águas mais profundas, enquanto o jovem pode ser visto em pequenos cardumes derivando sobre o substrato em locais mais rasos.

Em geral é tímido, fugindo rapidamente do mergulhador, mas com calma a aproximação é relativamente fácil sua observação.

Ocorre no Norte de Massachusetts, Florida, Bahamas, Caribe, Bermudas, Golfo do México até o Sul do Brasil.

Nota: Pode ser observado na REBIOMAR principalmente na interface costão/areia.



Serranus atrobranchus

(Cuvier, 1829)

Mariquita
Guatacare
Blackear bass

Difere de *Serranus flaviventris* (pág. 60) por possuir escamas na parte alta de sua cabeça. De um colorido muito característico, apresenta uma forte mancha amarelada na região ventral e uma mancha escura vertical na nadadeira dorsal.

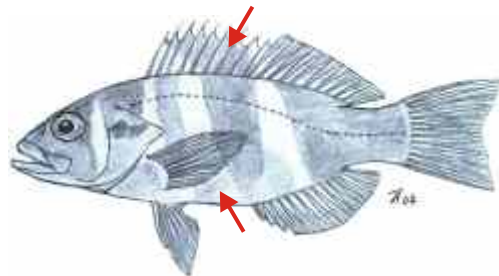
Pode ser encontrado em zonas mais profundas da REBIOMAR (cerca de 25 m), em geral em fundos de areia/lama próximos de rochas, aos pares ou solitário. Apresenta um comportamento característico de nadar com o corpo em uma posição inclinada.

Não se intimida com a presença do mergulhador, chegando a ser curiosa.

Pouco se conhece sobre sua biologia, entretanto sabe-se que são hermafroditas sincrônicos.

Ocorrência registrada entre a Flórida e o Rio Grande do Sul.

Nota: Raro na REBIOMAR.



Serranus flaviventris

(Cuvier, 1829)

Mariquita
Serrano de arena
Twinspot bass

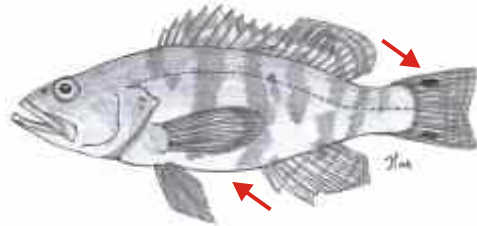
Possui uma mancha branca bem evidente no abdômen. Um par de manchas negras arredondadas simétricas na base da nadadeira caudal. Nadadeira caudal, anal e parte mole da dorsal com estrias alaranjadas. Mancha escura partindo do focinho, através dos olhos e estendendo-se até o corpo.

Espécie de pequeno porte, geralmente solitária que habita águas costeiras, mas há registros até 400 m de profundidade. Pode ser abundante em determinadas áreas, habitando pradarias de algas e principalmente zonas rasas com areia e seixos.

Geralmente se esconde com a aproximação de mergulhadores.

Assim como *Serranus atrobranchus* (Fig. 58), é uma espécie que apresenta hermafroditismo sincrônico.

Ocorre da América Central, Caribe ao Uruguai.



Família Serranidae

Apogon pseudomaculatus

Longley, 1932

Totó
Cardenal de dos puntos
Twospot cardinalfish

Espécie de pequeno porte que atinge no máximo 11 cm de comprimento. Olho proporcionalmente grande, coloração vermelha com duas manchas escuras na lateral do corpo, uma na base da segunda dorsal e outra na base da caudal.

Existem registros de sua ocorrência entre 1 e 100 metros de profundidade. Normalmente escondido no fundo de fendas escuras ou grutas durante o dia. Mesmo em abrigos mais amplos, parece ligado a um determinado ponto ou estrutura de onde dificilmente se afasta. É mais facilmente encontrado em mergulhos noturnos, quando deixam seus recessos para se alimentar.

Apresenta cautela com relação a presença de mergulhadores, mas pode permitir aproximação quando não se sente ameaçada.

Sua distribuição geográfica inclui Nova Inglaterra, Golfo do México, Massachusetts, Bermudas e Bahamas até o Sul do Brasil.

Nota: Raro na REBIOMAR.



Família Apogonidae

Pomatomus saltatrix

(Linnaeus, 1766)

Anchoa
Anchoa
Bluefish

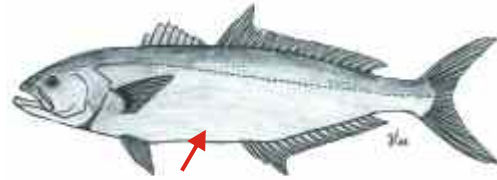
Possui o corpo alongado e comprimido lateralmente, boca grande. Têm a coloração prateada, atingindo até 1 m de comprimento e mais de 12 Kg. Ocorre da superfície até 100 m de profundidade.

Peixe pelágico, pode ser encontrado em ambientes costeiros em ilhas e costões rochosos ou áreas mais afastadas da costa. O jovem é freqüentemente observado em áreas estuarinas.

Forma grandes cardumes que realizam migração anual ao longo da costa da América do Sul, sendo comum em todas as ilhas costeiras de Santa Catarina.

É predador voraz, atacando peixes, moluscos e crustáceos.

Espécies de ampla distribuição em regiões temperadas e subtropicais, ocorrendo em todos os oceanos exceto Pacífico Leste e Noroeste.



Família Pomatomidae

Echeneis naucrates

Linnaeus, 1758

Rêmora
Remora
Striped suckerfish

Espécie de corpo alongado que pode atingir 110 cm de comprimento. Possui um disco com 21 a 28 lâminas (normalmente 23) sobre a cabeça. Juvenil cinzento com uma faixa longitudinal escura marginada de branco ao longo dos flancos. O adulto uniformemente castanho escuro com os extremos das barbatanas ímpares quase pretas.

Habita águas costeiras pouco profundas. Pode ser observada nadando livremente ou fixa (com auxílio do disco) principalmente a tubarões e raias-jamantas. Também pode ser observada aderida a golfinhos e outros peixes ósseos, entre eles o Peixe-Enxada (*Chaetodipterus faber*) (pág. 108) como já foi observado na REBIOMAR.

Pode tentar aderir aos mergulhadores, principalmente quando encontrada nadando livremente.

São desconhecidos quase todos os dados biológicos desta espécie, que pode chegar a 1 metro de comprimento.



Tem uma distribuição cosmopolita, entretanto não ocorre na costa Oeste Americana.



Família Echeneidae

Pseudocaranx dentex

(Bloch & Schneider, 1801)

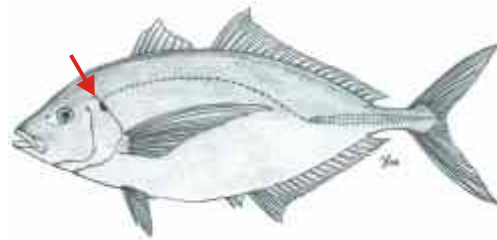
Garapoá
Jurel dorado
White trevally

Possui o corpo alongado e comprimido lateralmente como os outros representantes da família Carangidae (xerelete, xareu). No entanto, pode ser facilmente identificados pela presença de três faixas amarelas longitudinais, além de uma mancha escura no opérculo. Uma destas faixas acompanha a base da nadadeira dorsal, outra a anal e uma está localizada lateralmente ao corpo. Atingem 80 cm e 5 Kg.

Observada ocasionalmente observados nos costões rochosos da REBIOMAR. Geralmente encontrado em pequenos grupos alimentando-se sobre o substrato arenoso, pode também acompanhar os salmonetes (pág. 74) que reviram o substrato em busca de alimento, caracterizando uma relação ecológica de seguidores.

Alimenta-se de crustáceos bentônicos, peixes, moluscos e do plâncton em suspensão.

É uma espécie circuntropical, ocorrendo das Bermudas à Santa Catarina.



Seriola dumerili

(Risso, 1810)

Olho-de-boi
Medregal coronado
Greater amberjack

O corpo é alongado e fusiforme, de cor cinza com reflexos prateados, mais escura dorsalmente. Apresenta uma característica lista oblíqua que se estende desde a parte anterior do lábio superior até a nuca e atravessando o olho. Atinge pelo menos 180 cm de comprimento e pode pesar mais de 80 kg.

Peixe pelágico que pode ocorrer com frequência junto à costa, especialmente perto de parcéis ou paredes rochosas verticais. O jovem é particularmente comum em algumas baías abrigadas e mesmo em portos. Normalmente distribui-se entre os 10 m e mais de 300 m de profundidade.

Pode aparecer isolado, em pequenos grupos ou em grandes cardumes. Alimenta-se de pequenos peixes e cefalópodes, sobretudo de lulas.

Possui distribuição cosmopolita, desde águas temperadas quentes até latitudes equatoriais.

Nota: É consumido em todos os lugares em que ocorre sendo especialmente apreciado como troféu pela pesca desportiva.

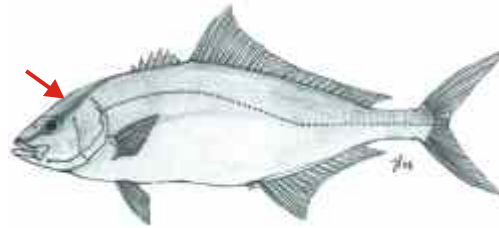


Espécie com morfologia e hábitos alimentares muito semelhantes à espécie anterior (*Seriola dumerili*) sendo facilmente confundível durante uma rápida avistagem. Apresenta o corpo menos alongado e mais alto, bem como as nadadeiras dorsal e anal com alturas maiores que as do olho-de-boi. Embora a literatura indique tamanhos máximos inferiores aos verificados para *S. dumerili*, esta espécie já foi registrada ultrapassando 150 cm e 40 kg.

Esta semelhança dificulta um melhor conhecimento da sua real distribuição.

Distribuição cosmopolita entre águas temperadas quentes e o Equador. Recentemente tem sido observada também em águas temperadas (França e Inglaterra). Parece ser uma espécie com especial afinidade por arquipélagos oceânicos de origem vulcânica.

Nota: Tal como a espécie anterior é igualmente procurada por pescadores desportivos.



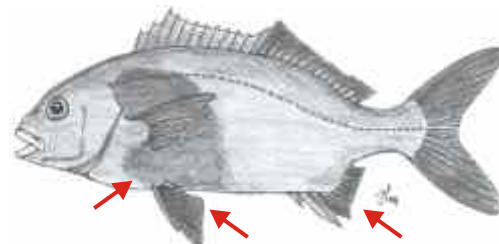
Coloração prata acinzentada com a região central das escamas enegrecidas. Mancha escura característica sob a nadadeira peitoral, sendo que as nadadeiras pélvicas e anal também são escuras. Jovem com duas listras negras no corpo e um ponto preto na base da nadadeira caudal.

Observado sozinho ou em pequenos grupos, freqüentemente no interior de abrigos como cavernas, fendas, destroços e outros locais relativamente escuros, principalmente como os encontrados no Saco do Engenho (Arvoredo) e Toca da Salema (Galés).

Captura suas presas durante a noite, sendo estas principalmente crustáceos, moluscos, pequenos peixes e ouriços.

Move-se entre frestas e reentrâncias e se mantém próximo a entrada de um abrigo quando encontram mergulhadores.

Ocorre no Atlântico Oeste, da Florida e Bahamas ao Sul do Brasil, incluindo Golfo do México e Caribe.



Anisotremus virginicus

(Linnaeus, 1758)

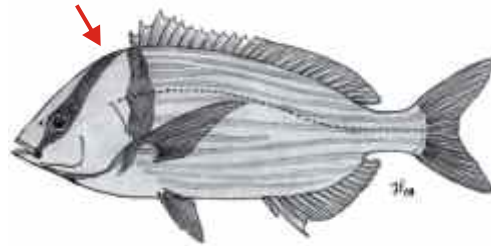
Salema / Mercador
Catalineta / Canario
Porkfish / Paragrate grunt

Facilmente distinguida pela presença de duas faixas diagonais escuras na cabeça quando adulto, uma delas sobre o olho. Coloração amarelo ouro na cabeça, nadadeiras e em faixas longitudinais no corpo. Jovem apresenta cabeça amarela brilhante e linhas longitudinais negras no corpo além de um ponto negro na base da caudal. Nos estágios iniciais do desenvolvimento tem o corpo translúcido.

Geralmente encontrado solitário vagando pelos costões ou em pequenos cardumes sobre recifes ou fundos rochosos, especialmente em tocas amplas. Espécie comumente encontrada nas ilhas da REBIOMAR, dos locais abrigados aos mais expostos à ação das ondas.

Alimentam-se durante a noite de equinodermos, anelídeos e crustáceos. Jovem pode estabelecer estações de limpeza, onde se alimenta de parasitas retirados da superfície do corpo de peixes maiores.

Espécie abundante na Flórida e rara nas Bahamas e Caribe. Ocorre também no Golfo do México, Bermudas (introduzida) até o Sul do Brasil.



Haemulon aurolineatum

Cuvier 1830

Cotinga / Sapuruna
Jeniguano / Bocayate muellito
Caesar / Redmouth grunt

Apresenta coloração prateada, com nadadeiras pálidas e duas faixas amarelas no corpo. Uma na altura da linha lateral, desde o focinho, passando pelo olho até a base da nadadeira caudal e outra mais fina um pouco mais acima. Uma grande mancha redonda pode estar presente no pedúnculo caudal de alguns exemplares.

Habita fundos arenosos, bancos de gramíneas marinhas, recifes, parcéis e costões rochosos de pouca profundidade. Forma cardumes, algumas vezes associados a outros espécimes da mesma família e outros da família Lutjanidae.

Sua dieta é composta principalmente de pequenos crustáceos, moluscos, alguns outros invertebrados bentônicos, plâncton e algas.

Espécie cautelosa, procura manter certa distância em relação aos mergulhadores.

Ocorre no Atlântico Oeste de Massachusetts (EUA), Bermudas, Golfo do México, Caribe até o Sul do Brasil.



Haemulon steindachneri (Jordan & Gilbert, 1882) Corcoroca-boca-larga
Ronco-chere-chere / Chivilico
Latin grunt

Pode alcançar no máximo a 30 cm de comprimento total e 300 g de peso. Apresenta uma coloração prata acinzentada com escamas oblíquas abaixo da linha lateral. Linhas mais escuras seguem a orientação destas escamas. Possui uma grande mancha escura na base da nadadeira caudal.

Encontrada freqüentemente formando cardumes sobre fundos que intercalam rochas e areia. As bordas dos costões das ilhas da REBIOMAR, junto da interface costão/areia são áreas propícias para a ocorrência desta espécie. Entretanto, pode ocorrer também sobre fundos recifais e rochosos. O jovem é comumente encontrado sobre fundos arenosos ou bancos de gramíneas marinhas.

Assim como *H. aurolineatum* (pág. 68), esta espécie também procura manter certa distância de mergulhadores.

Sua dieta é baseada em invertebrados bentônicos.

Ocorre no Atlântico Oeste do Panamá a Santa Catarina e no Pacífico Leste do México ao Peru.



Orthopristis ruber (Cuvier, 1830) Cocoroca
Corocoro
Corocoro grunt

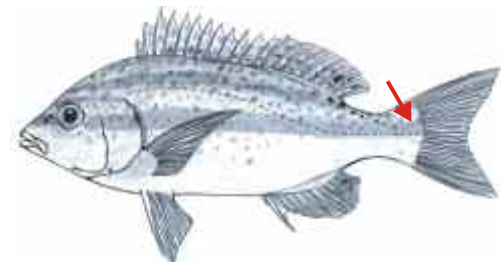
A espécie que apresenta uma boca pequena e oblíqua, difere de *Haemulon aurolineatum* (pág 68) e *H. steindachneri* (pag 70) pela coloração prata nas laterais, e duas evidentes listras de cor marrom. Apresenta ainda pequenos pontos de coloração marrom na cabeça, na parte superior do corpo e na nadadeira dorsal.

A cocoroca habita águas litorâneas, sobre fundos de rocha, areia ou lama, em geral formando pequenos cardumes. O jovem pode ser encontrado em estuários ou mesmo associado a bancos de algas. Muito capturado como fauna acompanhante na pesca de camarão.

Costuma manter certa distância e foge quando se tenta aproximação, entretanto pode passar bem perto quando o mergulhador se mantém parado.

Alimenta-se de pequenos crustáceos, moluscos, poliquetas e peixes.

Sua distribuição geográfica limita-se ao Atlântico Ocidental, ocorrendo de Honduras ao Sul do Brasil.



Diplodus argenteus

(Valenciennes, 1830)

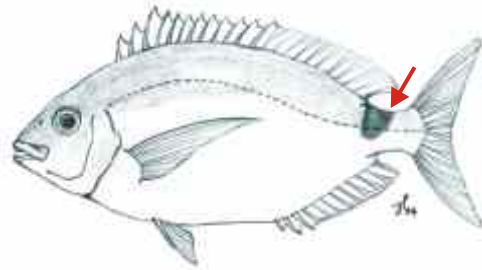
Marimbau
Sargo
Silver porgy

Espécie bastante comum nas ilhas da REBIOMAR e área de entorno. Caracteriza-se pelo corpo alto, coloração prateada e mancha escura arredondada no pedúnculo caudal.

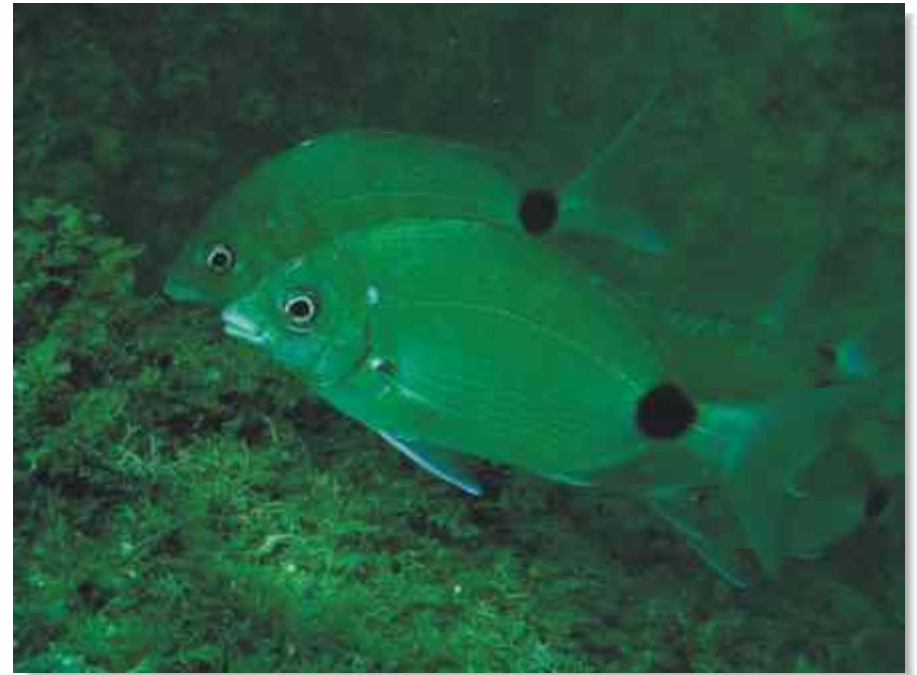
Ocorre junto a costões rochosos expostos à ação das ondas de forte turbulência, mas também ocorre em áreas protegidas. O jovem é freqüentemente encontrado em cardumes relativamente densos alimentando-se de incrustações nas rochas mais próximas da superfície. Também é bastante comum encontra-lo em piscinas de maré formadas entre rochas.

Trata-se de uma espécie oportunista, que muitas vezes é atraída pela atividade alimentar de outras espécies.

O jovem parece não se importar com a presença de mergulhadores, entretanto o adulto tende a manter distancia e foge quando se tenta aproximação.



Ocorre no Atlântico Ocidental na Florida, Bahamas, Antilhas e na costa do Brasil, chegando até a Argentina.



Família Sparidae

Odontoscion dentex

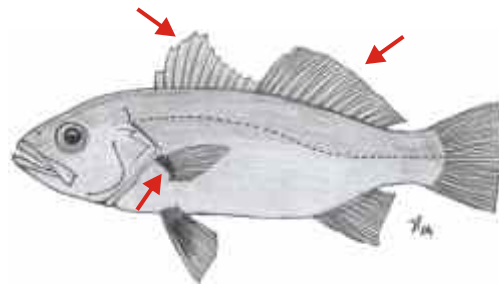
(Cuvier, 1830)

Pescada-dentada / Pirucaia
Caimuire de roca
Reef coraker

Peixe de fácil identificação, muito característico pelo corpo prateado e nadadeiras amareladas. Atinge cerca de 30 cm, sendo uma das poucas espécies recifais da família Sciaenidae, que inclui peixes como a corvina e as pescadas. Devido aos hábitos noturnos e conspícuos à frestas e tocas escuras, possui olhos relativamente grandes. Mancha escura na base da nadadeira peitoral.

Encontrado em ambientes recifais como costões, parcéis e recifes coralíneos até aproximadamente 30 metros de profundidade. Habita cavidades escuras, debaixo de rochas, sendo pouco observado na coluna d'água em mergulhos diurnos. É encontrado em grandes números nas tocas do costão.

Alimenta-se de noite, com o auxílio dos seus grandes olhos são capazes de ver e capturar crustáceos como camarões e pequenos peixes e larvas.



Ocorre no Atlântico Oeste da Florida, Cuba, Antilhas, América Central e América do Sul até ao menos Santa Catarina. Ausente nas Bahamas.



Família Sciaenidae

Pareques acuminatus (Bloch & Schneider, 1801)

Maria-nagô / Listrado
Vaqueta rayada
High-hat

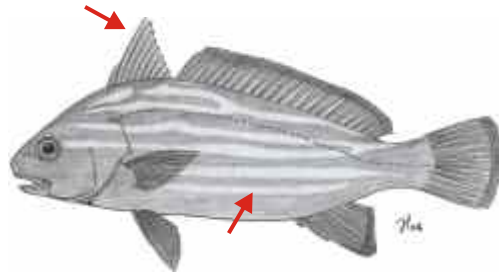
Corpo com estrias pretas e brancas. Primeira nadadeira dorsal um pouco mais elevada que a segunda. O jovem (detalhe) tem a nadadeira dorsal muito comprida, e uma fina faixa preta de um olho ao outro, o que os distingue do jovem de outras espécies deste mesmo gênero.

Pode atingir 23 cm de comprimento. Habita tocas e pequenas frestas nas rochas formando cardumes pouco numerosos. O jovem mantém-se sempre muito próximo do substrato e em pequenas tocas.

Alimenta-se principalmente durante a noite. É de fácil aproximação quando perto de suas tocas.

Ocorre na Flórida, Carolina do Norte, Bahamas, grande parte do Caribe, Golfo do México e ao longo da costa Brasileira.

Nota: Na REBIOMAR, o jovem pode ser observado com outros jovens de *Chaetodon striatus* (pág. 78), em fundos de conchas próximos a algas e pequenas fendas.



Família Sciaenidae

Pseudupeneus maculatus (Bloch, 1793)

Salmonete / Saramunete
Salmonete colorado
Spotted goatfish

Geralmente de coloração avermelhada ou esbranquiçada, com barbilhões amarelados apresenta uma linha de três manchas escuras nas laterais do corpo. Possui notável habilidade de alterar sua coloração de acordo com o substrato sobre o qual se encontra. Pode atingir aproximadamente 30 cm de comprimento total.

Encontrado em águas rasas, especialmente sobre fundos arenosos e rochosos próximo à costões e parcéis. Peixe quase sempre ativo na busca por alimento, revirando com seus barbilhões (jovens no detalhe) a areia em busca de pequenos invertebrados. Quando não está procurando alimento, usa sua boa camuflagem para mesclar sua aparência ao fundo e se manter imóvel.

Parece indiferente a presença de mergulhadores, entretanto foge quando sente-se ameaçado.

No Atlântico Oeste, ocorre das Bermudas a Nova Jersey até pelo menos Santa Catarina. Presente também no Golfo do México e todo o Mar do Caribe.



Família Mullidae

Pempheris schomburgkii

Müller & Troschel, 1848

Salivão
Pemferis bandeado / Pez vidrio
Glassy sweeper

Boca oblíqua e corpo alto com o perfil ventral curvo. Uma linha escura na base da nadadeira anal a distingue com facilidade das outras espécies de aparência similar. Coloração dourada quando adulto, tendo o jovem a parte superior do corpo transparente e o ventre prateado.

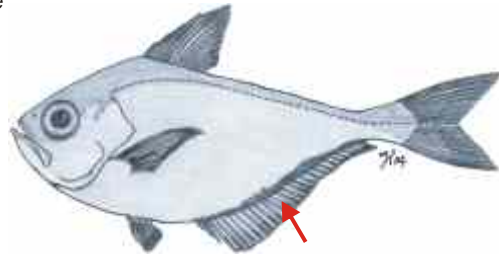
Ocupa abrigos protegidos da luz, como tocas e fendas formadas por rochas ou mesmo estruturas artificiais. É encontrado formando cardumes, algumas vezes bastante densos.

Sua alimentação é baseada em zooplâncton, particularmente larvas de invertebrados.

Indiferente quanto à presença de mergulhadores.

Ocorre da Florida e Bahamas até o Sul do Brasil, incluindo Caribe e Antilhas.

Nota: Na REBIOMAR é uma espécie rara.



Família Pempheridae

Kyphosus sp.

Pirajica
Chopa Blanca
Chub

Corpo oval, coloração acinzentada com linhas horizontais ao longo do corpo. Pode apresentar manchas arredondadas por todo o corpo, representando algum estado comportamental não conhecido. Boca pequena, atinge cerca de 70 cm e 10 kg.

É observado em pequenos ou grandes cardumes na coluna d'água. Encontrado desde áreas costeiras em costões rochosos até ilhas oceânicas.

Alimenta-se preferencialmente de algas, no entanto, pode comer zooplâncton ou até restos de comida humana rejeitados por embarcações em plataformas de petróleo.

Encontrado no Oceano Atlântico Ocidental de Massachusetts a Santa Catarina.

Nota: Existem duas espécies deste gênero na costa brasileira: *K. incisor* (Cuvier, 1831) e *K. sectatix* (Linnaeus, 1758). No entanto, a diferenciação das duas durante o mergulho é muito difícil.



Família Kyphosidae

Chaetodon striatus

Linnaeus, 1758

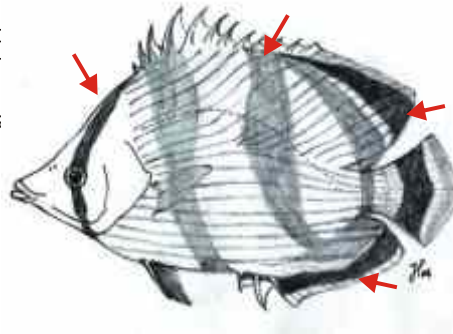
Borboleta listrado
Isabelita rayada
Banded butterflyfish

Corpo branco com duas largas faixas pretas na lateral do corpo e outra faixa preta passando através do olho. A porção posterior da nadadeira dorsal e a base posterior das nadadeiras anal e dorsal também são pretas. No jovem (detalhe) há ainda um ocelo preto, circulado por um anel branco na porção posterior da nadadeira dorsal.

Atinge cerca de 16 cm de comprimento e é comum ser observado nadando aos pares próximo dos costões, procurando por pólipos de corais, ovos de moluscos, poliquetas, anêmonas e outros pequenos invertebrados bentônicos, dos quais se alimenta. O jovem já permanece mais próximo de tocas e não se aventura pelos costões tanto como o adulto.

Em geral tende a ignorar o mergulhador presença quando está concentrado em

Ocorre na Flórida, Bahamas, Bermudas costa Brasileira até Santa Catarina.



Família Chaetodontidae

Holacanthus ciliaris

(Linnaeus, 1758)

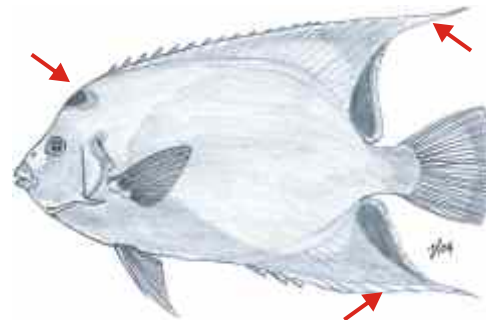
Peixe-anjo / Anjo-rainha
Isabelita reina
Queen angelfish

Jovem azul-escuro com cinco faixas verticais azuis brilhante, focinho e boca amarelos, área entre as nadadeiras peitoral e pélvica amarela e caudal amarela. Adulto verde-azulado, escamas com margem amarela, dorsal e anal com margem azul e submargem laranja, nadadeiras peitoral, pélvica e caudal amarelo-vivo, faces verde-claro e mancha negra na fronte com pintas azuis margeada por larga faixa azul.

Atinge até 40 cm de comprimento. O adulto é observado nadando lentamente próximo às pedras em busca de alimento. O jovem alimenta-se de algas e crustáceos, além de atuar como peixe-limpador, retirando parasitas da pele de outros peixes. O adulto já tem uma preferência por esponjas.

É um pouco mais tímido que o Frade (*P. paru*) (pág. 82). Apesar de curioso dificilmente permite a aproximação.

Ocorre no Atlântico Ocidental, Bermudas e Flórida até Santa Catarina.



Família Pomacanthidae

Holacanthus tricolor

(Bloch, 1795)

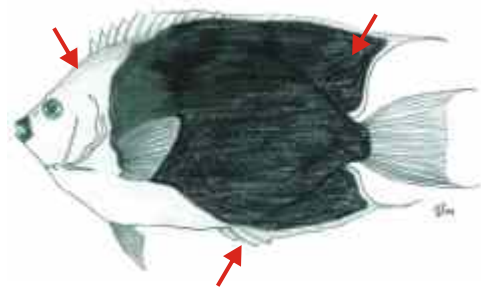
Tricolor / Vigário
Cachama-medio-luto
Rock beauty

Parte anterior do corpo é amarela e o restante negro, parte frontal da nadadeira anal e a cobertura branquial alaranjados. Nadadeira caudal totalmente amarela. As partes superior e inferior da íris são azul-brilhante. O jovem (detalhe) é totalmente amarelo com uma mancha negra marginada de azul na parte mediano-posterior do corpo. Esta mancha, com a idade, expande-se dando origem à coloração do adulto.

Peixe recifal que habita áreas costeiras até os 92 m de profundidade e pode alcançar cerca de 35 cm de comprimento. Alimenta-se de ascídeas, esponjas, antozoários e corais.

Habita preferencialmente recifes coralíneos e ocorre no Atlântico Ocidental desde a costa do Estado da Geórgia (EUA) até Santa Catarina onde está provavelmente em seu limite Sul de distribuição.

Nota: Raro na REBIOMAR. É muito procurado no comércio de peixes ornamentais.



Pomacanthus arcuatus

(Linnaeus, 1758)

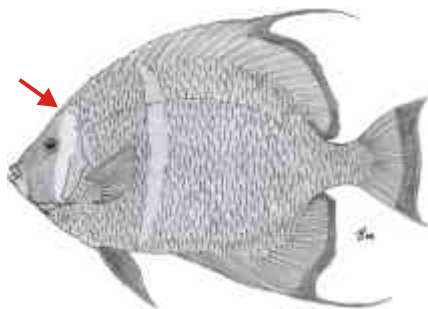
Paru-preto / Frade-cinza
Cachama blanca
Gray angelfish

Muito parecido com o frade *P. paru* (pág. 82). O jovem pode ser diferenciado pela forma elíptica da área negra da nadadeira caudal e pela linha amarela frontal que se estende pelos maxilares até a garganta. O adulto difere principalmente pela cor geral marrom, escamas marginadas de bege e com centro marrom-acinzentado, boca e queixo brancos.

Pode atingir 40 cm de comprimento. Utiliza o mesmo habitat do frade e apresentam comportamento muito similar.

O jovem se alimenta de algas e parasitas de outros peixes. O adulto prefere invertebrados sésseis como as esponjas.

Ocorre de Nova York a Santa Catarina. Espécie freqüente no Caribe e menos comum no Brasil, na REBIOMAR é muito raro encontrá-lo.



Pomacanthus paru

(Bloch, 1787)

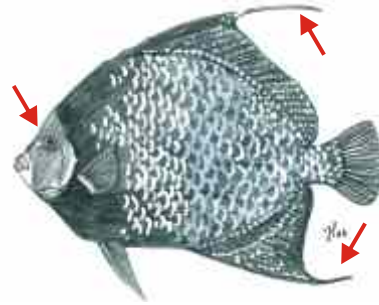
Paru / Frade
Cachama negra
French angelfish

O adulto possui a nadadeira dorsal e anal com lobos muito alongados, a cor geral é azul-marinho a preta, escamas marginadas de amarelo, base da peitoral e contorno dos olhos de coloração amarela. Jovem (detalhe) apresenta coloração geral preta com faixas verticais amarelas, nadadeira pélvica azul, área negra da caudal com formato circular.

Podem atingir 50 cm de comprimento. O jovem é territorialista e muitas vezes definem uma área na qual estabelece estações de limpeza, onde outros peixes "estacionam" e tem seus parasitas removidos. O adulto se desloca vagarosamente pelo costão (até cerca de 30 metros de profundidade).

O jovem se alimenta de pequenos crustáceos que parasitam outros peixes além de algas. O adulto utiliza preferencialmente esponjas. O jovem é solitário e o adulto é observado tanto sozinho como aos pares. O adulto é curioso e permite a aproximação do mergulhador, que pode admirar de perto a sua beleza.

Ocorre da Flórida até Santa Catarina. O adulto é observado com maior frequência na REBIOMAR.



Família Pomacanthidae

Amblycirrhitus pinos

(Mowbray, 1927)

Pinos
Rayadito / Merito de arrecife
Redspotted hawkfish

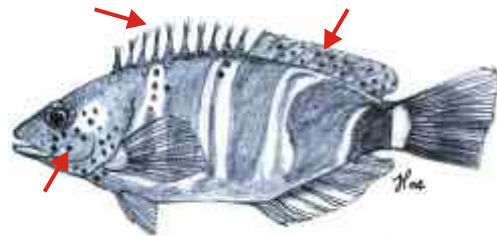
Corpo esbranquiçado com barras verticais na cor marrom, apresentando a cabeça, parte anterior do corpo e nadadeira dorsal salpicados de pequenos pontos avermelhados. Espinhos da nadadeira dorsal apresentando ramificações.

Solitário e de pequeno porte (comprimento máximo de 9,5 cm) está sempre sobre o fundo rochoso onde costuma ficar imóvel. Alimenta-se principalmente de crustáceos, em grande parte copépodes, poliquetas, camarões e larvas de crustáceos em geral.

É uma espécie desconfiada e raramente deixa o mergulhador se aproximar muito, refugiando-se em pequenas tocas e frestas entre as rochas.

Ocorre na Flórida, Bahamas, Bermudas, Caribe, Golfo do México e ao longo da costa Brasileira até Santa Catarina.

Nota: Raro na REBIOMAR.



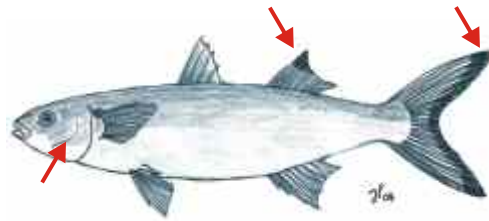
Família Cirrhitidae

Os exemplares jovens e adultos apresentam uma coloração prateada homogênea, sendo que na fase adulta as nadadeiras anal e dorsais aparecem escuras em suas extremidades. Apresenta usualmente de 38 a 39 escamas na série lateral e na nadadeira anal 3 espinhos e de 9 a 10 raios. Nadadeira anal e Segunda dorsal são cobertas por escamas, conferindo a elas uma aparência opaca.

É considerada uma espécie costeira, comum em locais de fundo arenoso, mas também observada próxima a costões rochosos. Pode chegar a 90 cm. É freqüentemente capturada em ambientes estuarinos, especialmente na fase juvenil, podendo entrar em rios. Os exemplares adultos formam grandes cardumes. Detritívora, alimenta-se de algas e de organismos planctônicos.

Ocorre no Atlântico Oeste na Nova Escócia, Bermudas e Norte do Golfo do México até o Sul do Brasil. Atlântico Leste do Senegal até a Namíbia. Pacífico Leste do Golfo da Califórnia até o Chile.

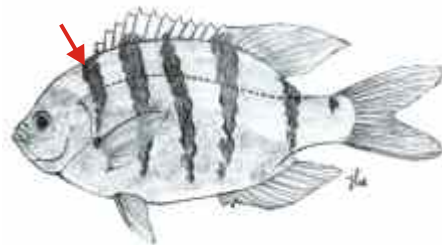
Nota: Apresenta corpo mais alto que as demais espécies de tainhas. É conhecida também como "parati-cara-amarela" por ter uma coloração amarelada no opérculo.



Corpo ovalado e comprimido, focinho curto e boca pequena, possui dentes incisivos muito próximos e nadadeira caudal furcada. Corpo branco ou amarelado com barras escuras verticais, área amarelada na metade superior do corpo, o jovem (detalhe) apresenta a mesma coloração do adulto e existe uma fase onde o peixe se torna azulado e as faixas se tornam menos nítidas.

Pode atingir 20 cm de comprimento. É freqüente observá-lo na parte mais rasa do costão. Territorialista principalmente na época reprodutiva quando utiliza a superfície lisa de rochas para aderir seus ovos roxo-avermelhados, formando uma mancha arredondada. Nesse período, o macho que assume uma coloração escura, oxigena e defende o ninho de forma agressiva.

De hábito alimentar onívoro, come invertebrados, algas e zooplâncton. Abundante, o adulto se agrega em áreas de alimentação, já o jovem forma grandes cardumes próximos da superfície. Indiferente à presença do mergulhador.



Stegastes pictus

(Castelnau, 1855)

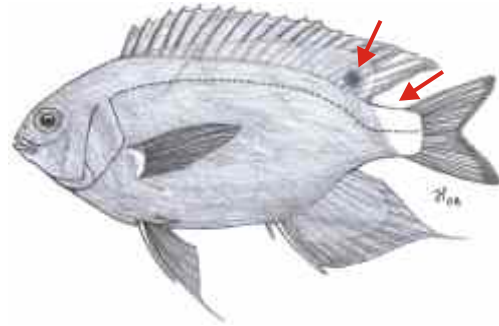
Donzela bicolor / Saberé
Chopita
Yellowtip damselfish

Corpo marrom escuro a preto, semelhante a *Stegastes fuscus* (pág. 86). No entanto apresenta nadadeiras peitorais e o lobo superior da nadadeira dorsal amarelas; mancha negra na base da peitoral.

Em geral não ultrapassa 12 cm de comprimento, vive associada ao substrato, dependendo deste ambiente para abrigo e alimentação. Defende seu território bravamente. No entanto, esta espécie é menos agressiva que *S. fuscus*. Prefere costões protegidos e habita águas mais profundas, entre 10 a 50 m.

Alimenta-se de tufos de algas e tende a fugir do mergulhador em um primeiro momento, saindo da toca em seguida na tentativa de expulsar o invasor.

Ocorre no Atlântico Ocidental das Guianas até o Sul do Brasil. Abundante no Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, mas rara nos costões rochosos de Santa Catarina e ilhas da REBIOMAR.



Stegastes fuscus

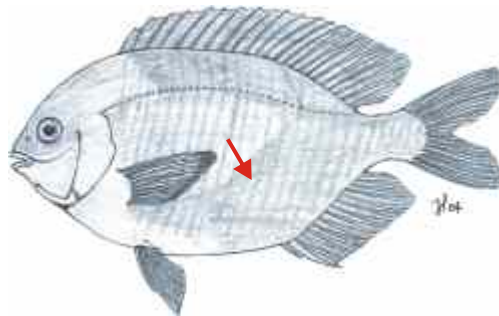
(Cuvier, 1830)

Donzelinha
Chopa
Brazilian damselfish

O indivíduo jovem apresenta coloração geral azul neon com um ocelo negro marginado de azul na base da nadadeira dorsal mole. Quando adulto adquire uma coloração marrom-oliva, apresenta estrias verticais escuras entre a nadadeira peitoral e caudal. Alto da cabeça e nuca as vezes bege a oliva claro.

Atinge 15 cm de comprimento e vive nos buracos formados entre as rochas em regiões abrigadas e rasas. Altamente territorialista, patrulha sua área com vigor, expulsando qualquer intruso, inclusive mergulhadores que podem receber leves mordidas nas mãos e máscara. Alimenta-se preferencialmente de tufos de algas que crescem sobre as rochas, mas invertebrados também aparecem em sua dieta.

Espécie muito abundante nos costões rochosos do Sul e Sudeste Brasileiro, na REBIOMAR em alguns pontos pode-se registrar mais de um indivíduo por metro quadrado na faixa que varia de 1 a 8 m de profundidade. Ocorre desde o Espírito Santo até o Sul do Brasil.



Stegastes variabilis

(Castelnau, 1855)

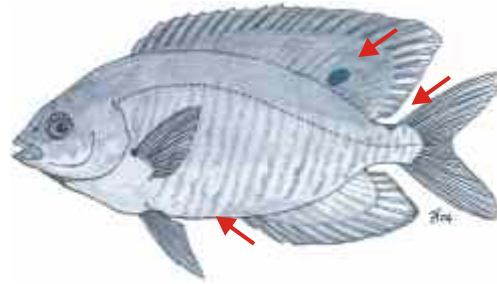
Donzela-amarela
Chopita cacao
Cocóa damselfish

Jovem com cor geral amarela viva, dorso azul e pequenas manchas azul turquesa na região dos olhos e dorso. Ocelo na base da dorsal mole e outro no topo do pedúnculo caudal. O adulto apresenta nadadeira dorsal levemente furcada com os lobos arredondados. Dorso marrom escuro ou azul e ventre amarelo, linhas escuras verticais na lateral do corpo.

Atinge no máximo 13 cm de comprimento e vive associado ao substrato como *Stegastes fuscus* (pág. 86). Utiliza buracos e tocas entre as rochas para se abrigar e defende agressivamente o território com intuito de proteger sua área de alimentação e reprodução. Quando adulto se alimenta preferencialmente de tufo de algas, mas pode consumir esponjas, ascídeas e anêmonas.

É menos agressiva que *S. fuscus*, mas na época reprodutiva os comportamentos agonísticos tendem a aumentar.

Ocorre no Atlântico Ocidental da Florida, Golfo do México até Santa Catarina.



Chromis multilineata

(Guichenot, 1853)

Mulata
Cromis pardo
Brown chromis

Nadadeira caudal furcada, corpo marrom-oliváceo, mais escuro no dorso, margem da dorsal e pontas da caudal amarelas, margem externa dos dois lobos caudais negra, uma mancha marrom na base da peitoral e outra branca na base do último raio da dorsal.

Atinge no máximo 20 cm de comprimento e vive na coluna d'água (2 a 40 m de profundidade) próximo às rochas, no entanto raramente estabelece um contato direto com o substrato. Na época reprodutiva o macho define um território nas pedras onde a fêmea deposita os ovos aderentes geralmente no talo das algas. Pode ser observada em cardumes de 10 a 30 indivíduos mas também ocorre solitária ou em pares.

Alimenta-se predominantemente de zooplâncton. Permanece indiferente à presença do mergulhador, no entanto evita a aproximação mantendo sempre uma distância segura. Espécie comum nas ilhas costeiras e oceânicas brasileiras mas incomum nos costões rochosos continentais.



Bodianus pulchellus

(Poey, 1860)

Budião-arara
Pez perro de cola amarilla
Spotfin Hogfish

Corpo vermelho com coloração amarelo vivo na parte central e superior da nadadeira caudal e parte posterior da nadadeira dorsal. Ponta da nadadeira peitoral com uma mancha preta. Uma faixa branca evidente se inicia na boca, passa pela nadadeira peitoral e se estende pelo corpo. Na fase intermediária (detalhe), apresenta coloração marrom escura, com a faixa branca bem evidente e parte posterior da nadadeira dorsal e toda a caudal amarelas. O jovem é totalmente amarelo com uma mancha preta no início da nadadeira dorsal.

É encontrado quase sempre solitário, mas em algumas ocasiões em pequenos cardumes, nadando próximos ao substrato nos costões rochosos. É hermafrodita protogínico e forma haréns durante o período reprodutivo. Pode atingir comprimentos superiores a 40 cm.

Alimenta-se de invertebrados, crustáceos e moluscos bivalves, atuando também como peixe limpador, removendo parasitas externos e tecido morto de outros peixes. Permite a aproximação, mas sempre desconfiado.



Ocorre na Flórida, Bahamas, Caribe e nordeste do Golfo do México até o Sul do Brasil.



Bodianus rufus

(Linnaeus, 1758)

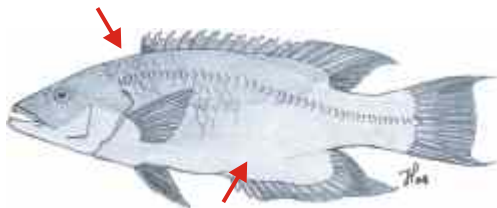
Budião-papagaio
Pez perro español / Vieja colorada
Spanish Hogfish

Corpo predominantemente amarelo com a metade superior da cabeça e da parte anterior do corpo roxa. Podem atingir cerca de 40 cm sendo que a forma jovem (detalhe) é muito similar ao adulto.

Existem registros da espécie entre 1 e 70 m de profundidade. Nada próximo ao substrato nos costões rochosos, quase sempre solitário, mas em algumas ocasiões pode formar pequenos cardumes. É hermafrodita protogínico e forma haréns durante o período reprodutivo.

Alimenta-se de invertebrados como pequenos crustáceos e moluscos bivalves, ouriços e ofiúros, podendo o jovem também atuar como peixe limpador, removendo parasitas externos e tecido morto de outros peixes.

Na REBIOMAR, geralmente procuram manter distância dos mergulhadores, escapando com manobras entre as rochas quando se tenta a aproximação.



Ocorre na Flórida, Bahamas, Bermudas, Caribe e Nordeste do Golfo do México até o Sul do Brasil.



Peixe de corpo alongado que atinge cerca de 20 cm. Coloração bastante variável, mas em geral o adulto apresenta cor verde e o jovem é esverdeado/amarelado, ambos com uma pequena mancha negra na base da porção posterior da nadadeira dorsal.

Encontrado em águas rasas próximas a costões rochosos e parcéis da REBIOMAR. Existe registros de sua ocorrência na faixa entre 1 e 15 metros de profundidade.

O adulto é em geral muito ativo e de difícil aproximação. O Jovem deixa-se aproximar e é encontrado buscando abrigo entre as rochas do costão.

Sua alimentação está baseada principalmente em invertebrados bentônicos. Abundante no litoral do Rio de Janeiro e São Paulo, mas rara na REBIOMAR.

Sua distribuição geográfica está restrita ao Atlântico Oeste, ocorrendo nos Estados Unidos, Bermudas, Flórida, e na costa do Brasil até Santa Catarina.



Família Scaridae

A família Scaridae é representada por peixes espetaculares conhecidos popularmente como papagaios. Eles são muito coloridos chamando atenção dos mergulhadores com seus variados tons de azul, amarelo, vermelho e verde. São peixes herbívoros que utilizam seus dentes modificados em placas dentárias (dentes coalescidos) para raspar e "pastar" diferentes espécies de algas que crescem no substrato rochoso.

Os peixes do gênero Sparisoma são de difícil identificação subaquática pois apresentam dimorfismo sexual (diferença de forma e/ou cor entre machos e fêmeas) e diferentes características ao longo do ciclo de vida. Existe a coloração juvenil, macho pequeno ou macho sub-terminal e o macho terminal além das fêmeas. Essa diferenciação, em geral, está associada às fases reprodutivas visto que a reversão sexual - fêmea para macho terminal - foi observada em algumas espécies (Carvalho-Filho, 1999).

Recentes pesquisas com a família Scaridae estão revelando que muitas espécies, antigamente consideradas as mesmas do Caribe, são endêmicas da costa brasileira. A seguir apresentamos alguns exemplos do avanço desses estudos.

Ao lado *Sparisoma amplum* macho terminal.



Sparisoma amplum

(Ranzani, 1842)

Papagaio-de-recife
Loro del arrecife
Reef parrotfish

Corpo alongado, alto e comprimido, cabeça grande focinho longo, boca pequena e terminal, dentes fundidos em placas (coalescidos) nos dois maxilares (característica da família Scaridae). Fêmea e macho pequeno (sub-terminal), castanho-púrpura a cinza-azulado na cabeça e terços superiores; terço inferior cor de tijolo e nadadeiras avermelhadas. Macho terminal verde-azulado (pag. 93), as margens das escamas avermelhadas, uma faixa vermelha na cabeça da ponta do focinho até quase o opérculo, nadadeira caudal muito lunada.

Pode atingir 50 cm de comprimento. Vive em ambientes rasos e turbulentos geralmente associados a bancos de algas, até 30 metros de profundidade.

É herbívoro, geralmente observado sozinho procurando alimento. Evita a aproximação do mergulhador e ao menor sinal de ameaça desaparece.

Restrito ao Sudoeste do Atlântico ocorrendo do Nordeste do Brasil a Santa Catarina. Registros em Fernando de Noronha, Atol das Rocas e Ilha da Trindade. Raro na REBIOMAR.



Nota: Anteriormente conhecido como *Sparisoma viride* (espécie do Caribe).



Sparisoma axillare

(Steindachner, 1878)

Papagaio cinza / Bobó
Vieja gris
Gray parrotfish

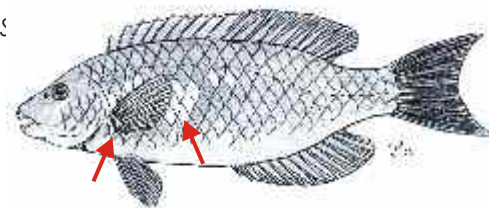
Espécie com o corpo cinza claro, nadadeiras dorsal e anal amareladas e uma mancha escura bastante visível na base da nadadeira peitoral, quando adulto. Quando jovem possui uma coloração marrom-acinzentado com uma mancha amarela nos flancos. Esta mudança de padrão de cor ao longo das fases de vida é conhecida como dimorfismo ontogenético.

Ocorre em ilhas oceânicas, recifes de coral, áreas rochosas e em bancos de alga.

Procura fugir quando mergulhadores tentam se aproximar, movimentando-se rapidamente entre as rochas.

No sudeste do Atlântico: Parcel Manoel Luís, Norte do Brasil; ao Sul, costa de Santa Catarina, Sul do Brasil e nas Ilhas Oceânicas de Fernando de Noronha, Atol das Rocas e Trindade.

Nota: Anteriormente conhecida como



Sparisoma frondosum

(Agassiz, 1831)

Papagaio-agassiz
Agassiz Vieja
Agassiz's parrotfish

Corpo semelhante ao papagaio-de-recife (pág. 94). Em todas as fases de sua coloração nota-se uma mancha negra na parte superior da base da nadadeira peitoral e uma mancha clara no pedúnculo caudal. Fêmea e macho pequeno (sub-terminal) rosados a vermelho-escuro com manchas claras mosqueadas pelo corpo, principalmente no dorso e nadadeiras avermelhadas. Macho terminal azul-esverdeado com a nadadeira caudal lunada.

Pode atingir 50 cm de comprimento. Vive nos costões cobertos por algas a uma profundidade que varia de 5 a 45 m.

Herbívoro, geralmente é observado em grupos de 2 a 5 indivíduos procurando alimento. Raramente permite a aproximação do mergulhador.

Restrito ao Sudoeste do Atlântico, ocorre do Nordeste do Brasil até Santa Catarina. Há registro nas ilhas oceânicas e na REBIOMAR é comum observar as fêmeas e machos pequenos.

Nota: Anteriormente identificado como *Sparisoma chrysopterum* (endêmica do Caribe).



Sparisoma tuiupiranga

Gasparini, Joyeux & Floeter, 2003

Papagaiovermelho
Vieja-roja
Red parakeet

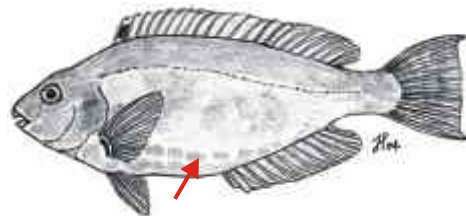
Jovem de coloração geral vermelho vivo com o ventre branco cortado por estrias vermelhas. Macho pequeno com dorso marrom-esverdeado, faixa avermelhada que margeia outra faixa branca evidente abaixo da linha lateral. Macho terminal apresenta coloração geral escura com manchas vermelho vivo especialmente na margem superior do opérculo. O ventre possui manchas azul turquesa em um fundo de coloração cinza-escuro.

Pode atingir 17 cm, raramente passando dos 15 cm. Habita costões rochosos abrigados, vivendo associado a bancos de algas (sargaço).

Herbívoro, utiliza a sua potente mandíbula com dentes coalescidos para raspar e arrancar algas que crescem sobre as pedras. Geralmente não permitem a aproximação do mergulhador e é freqüentemente observado buscando alimento ou "pastando" sobre as algas.

Abundante no Sudeste do Brasil, ocorre do Sul da Bahia até Santa Catarina.

Nota: Anteriormente identificado como *Sparisoma atomarium* devido às semelhanças com espécie endêmica do Caribe que apresenta esse nome.



Corpo alongado e focinho pontudo semelhante a um peixe da família Labridae (pág. 90). Coloração geral bege a verde-amarelado com algumas manchas azuis e uma faixa rosada na lateral do corpo. Ventre esverdeado com pequenas manchas rosadas. Região frontal com delicadas estrias azul turquesa.

Pode atingir 15 cm. Vive associado a bancos de algas ou gramíneas marinhas e se enterra na areia para descansar, envolto em um tubo de muco.

Possui hábito herbívoro, geralmente observado em pequenos cardumes de 2 a 6 indivíduos procurando alimento, ora nas pedras, ora na areia. Nada com muita rapidez e ignoram a presença do mergulhador que dificilmente consegue observá-los por muito tempo.

Comum no litoral do Rio de Janeiro e São Paulo, mas raro em Santa Catarina. Ocorre no Atlântico Ocidental, da Florida e Bermudas até o Sul do Brasil.



Corpo alongado, mais largo na área da nuca se estreitando em direção à cauda. Boca grande, presença de cirros entre os olhos, narinas anteriores e na nuca. Presença de um ocelo no opérculo. Possui de 4 a 6 faixas transversais irregulares ao longo do corpo. 17 a 20 espinhos e 10 a 13 raios na nadadeira dorsal. Colorações variáveis, o macho possui o ventre intensamente rosado.

Maior espécie desta família (atinge 20 cm). Muito abundante em substratos rochosos, em águas rasas. Geralmente encontra-se camuflado entre frestas e algas. Reproduz praticamente durante todo o ano, com maior intensidade no verão. O macho cuida do ninho até o momento da eclosão dos ovos, momento no qual apresentam uma coloração mais brilhante.

Alimenta-se de uma grande variedade de organismos como ouriços, crustáceos, ovos de peixes, gastrópodes, peixes e poliquetas.

Ampla distribuição. Encontrado no Atlântico Ocidental nas Bahamas, Bermudas, Norte do Golfo do México e no litoral Brasileiro até Santa Catarina. No Atlântico Oriental na Madeira, Canárias, e costa Africana até a Guinéa equatorial.



Possui de 1 a 3 ocelos na nadadeira dorsal. Primeiros dois espinhos da nadadeira dorsal maiores que os subseqüentes; distância entre o terceiro e o quarto espinho da nadadeira dorsal maior que o diâmetro orbital; último elemento da nadadeira dorsal segmentado; espinho do opérculo achatado e triangular. A fêmea tem uma maior distância entre a nadadeira pélvica e a anal. Marcas marrons e a coloração do corpo variam de avermelhado a acinzentado.

Habita águas muito rasas, até os 7 m de profundidade. Abundante entre algas sob as rochas, quase imperceptível aos olhos dos menos atentos. Alimenta-se de pequenos crustáceos. Confiante na sua camuflagem, deixa-se aproximar, observando imóvel. Deste comportamento surge a denominação "spectator", termo Latim significando "observador".

Espécie endêmica da costa Sul/Sudeste Brasileira. Existem registros do litoral do Rio de Janeiro até Santa Catarina.

Nota: Outras duas espécies do gênero são conhecidas em águas Brasileiras. Destas, apenas *Paraclinus rubicundus* foi também registrado na costa Catarinense.



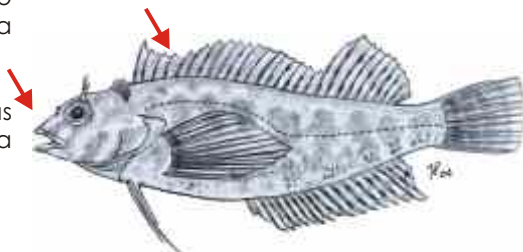
Atinge aproximadamente 8 cm de comprimento. É muito semelhante à Maria-da-toca (*Labrisomus nuchipinnis*) (pág. 98). Contudo, possuem o focinho mais afilado, boca pequena, o terceiro e quarto espinhos menores que os outros. Apresenta uma coloração marrom-esverdeado com faixas verticais ao longo do corpo, sendo o ventre amarelado.

Habita os interstícios da porção rasa de costões rochosos, recifes de coral e bancos de algas.

Alimenta-se basicamente de pequenos invertebrados como crustáceos e artrópodes.

Ocorre no Oceano Atlântico Ocidental, de Belize a Santa Catarina.

Nota: Existe provavelmente outras espécies deste gênero no Brasil ainda não estudadas detalhadamente.



Emblemariopsis signifera

(Ginsburg, 1942)

Macaquinho-cabeça-preta
Sapito aletón
Flagfin blenny

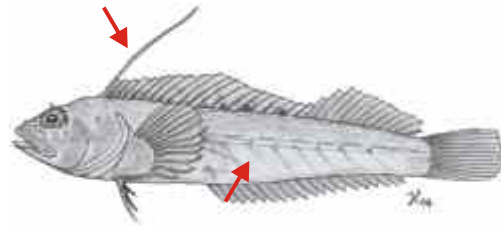
A cabeça é maior que o resto do longo corpo e tem a coloração enegrecida nos machos. Este possui também o primeiro espinho da nadadeira dorsal bem maior que os demais e coloração alaranjada. Apresenta padrão de pigmentação no corpo que varia de claro ao marrom. Fêmea com coloração muito clara, confundindo-se com o ambiente. Não possui escamas.

Habita águas rasas em parcéis e costões rochosos. O macho pode ser encontrado nidificando em cracas à flor da água. É observado também em frestas de cnidários do gênero *Palitoa*. O macho protege e cuida dos ovos. Comum entre algas sobre as rochas, mas difícil de ser observado.

Alimentam-se de minúsculos crustáceos. Apesar de pequeno, o macho pode ser agressivo, mas não perigoso. Quando está cuidando de seu ninho, abrem a boca em sentido de ameaça.

É registrado no Mediterrâneo, Bahamas e Caribe, de Belize até Santa Catarina.

Nota: *Emblemaria australis* foi recentemente descrita e é endêmica do Nordeste brasileiro.



Família Chaenopsidae

Hypsoblennius invemar

Smith-Vaniz & Acero, 1980

Maria-da-toca
Tessellated blenny

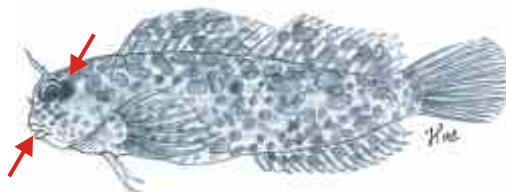
Possui 12 espinhos e 12 raios na nadadeira dorsal. A cabeça e a nadadeira dorsal abrigam pontos alaranjados em um fundo mais escuro. O corpo é repleto de pontos que podem sofrer variação de intensidade. Possui um contorno amarelo na boca muito característico da espécie.

Habita águas rasas em parcéis e costões rochosos. O macho pode ser encontrado facilmente nidificando em cracas à flor da água, nas mesmas condições que outras espécies da família Blenniidae e Chaenopsidae. Apresenta cuidado parental, o macho protegendo e cuidando dos ninhos construídos geralmente no interior de cracas, sendo encontrado com freqüência em rochas próximas da superfície.

Os hábitos alimentares não foram ainda estudados. Há registros de sua ocorrência em plataformas de petróleo.

Ocorre na Louisiana, Golfo do México, Pequenas Antilhas, no Brasil até Santa Catarina.

Nota: Existem alguns indícios que esta espécie encontra-se em expansão de distribuição geográfica.



Família Blenniidae

Parablennius marmoratus

(Poey, 1876)

Macaco ouro
Blenio marmorado
Seaweed blenny

Muito parecido com *Parablennius pilicornis* (pág. 104). Pode ser diferenciado observando-se atentamente ao padrão de coloração e riscos na face. *P. marmoratus* possui riscos (azuis) (detalhe) formando uma malha, enquanto *P. pilicornis* tem pequenas bolinhas espalhadas. Região peitoral clara, manchas escuras duplas em série ao longo da parte posterior do corpo. O macho possui os cirros acima dos olhos maiores que a fêmea, e também glândulas utilizadas na lubrificação dos ovos. Possui uma mancha negra no início da nadadeira dorsal.

Abundante em águas rasas em parcéis e costões rochosos (até 10 m). Encontrado em fundos de areia próximos a rochas, entre as rochas e algas. Alguns são dourados. Exibem cuidado parental, o macho cuida do ninho.

Aparentemente onívoro, alimenta-se de minúsculos invertebrados e algas.

É registrado de Nova York, Bermuda, Bahamas, Norte do Golfo do México e litoral Brasileiro até Santa Catarina.

Nota: Cogita-se que possa existir ainda na Costa Brasileira uma terceira espécie do gênero *Parablennius*.



Parablennius pilicornis

(Cuvier, 1829)

Maria-da-toca
Chivato
Ringneck blenny

Semelhante a *P. marmoratus*. Pode ser diferenciado atentando-se ao padrão de coloração e riscos na face. *P. pilicornis* possui pequenas bolinhas espalhadas na face, enquanto *P. marmoratus* possui um padrão de riscos semelhante a uma malha. Coloração variável de acordo com fase ontogenética e outros fatores. Geralmente em tons de bege, em alguns casos dourado intenso (detalhe). O macho possui os cirros acima dos olhos maiores que a fêmea, e ainda glândulas no início da nadadeira anal (utilizadas na lubrificação dos ovos). Possui uma mancha negra no início da nadadeira dorsal.

Comum em águas rasas, em parcéis e costões rochosos. Jovem pode ser ainda encontrado na areia próximo aos recifes. Exibe cuidado parental, onde o macho é o responsável por cuidar do ninho.

É aparentemente onívoro, alimentando-se de minúsculos invertebrados e algas.

Encontrado no Mediterrâneo e Atlântico Tropical. No Atlântico Ocidental registrado da Florida até Santa Catarina.



Scartella cristata

(Linnaeus, 1758)

Macaco-verde / Marachomba
Blénido crestado
Molly Miller

Peixe alongado e de pequeno porte que atinge cerca de 12 cm. Corpo afila-se em direção à cauda. Coloração esverdeada, oliva, com barras verticais escuras ao longo do corpo. É facilmente reconhecido pela quantidade de cirros que possui em cima da cabeça.

Habita águas rasas em parciais e costões rochosos e é muito comum na flor da água, abundante em poças de maré. Ocupa principalmente locais com alguma turbulência e ação de ondas. É muito ativo, buscando alimentos durante todo o dia. É preferencialmente herbívoro, mas pode comer pequenos invertebrados. Exibe cuidado parental, sempre com o macho protegendo e cuidando dos ovos.

Rapidamente se retira para abrigos quando um mergulhador se aproxima, entretanto reaparece quando o mergulhador se mantém parado à espera.

Peixe de ampla distribuição. Ocorre no Mediterrâneo e Atlântico Tropical. No Atlântico Ocidental é registrado da Flórida até Santa Catarina.



Família Blenniidae

Coryphopterus glaucofraenum

Gill, 1863

Amboré-vidro
Góbido playero
Bridled goby

O corpo é muito transparente, com manchas escuras no dorso, uma mancha bem visível que passa pelo olho e segue até logo após o opérculo. Duas pequenas manchas na base da nadadeira caudal dispostas na vertical. Pode atingir cerca de 8 cm.

Habita a interface costão/areia ou cascalho. É comum e fácil de ser observado. Muitas vezes, diversos exemplares em áreas próximas. É encontrado geralmente imóvel e quando o mergulhador aproxima-se em demasia, foge rapidamente. As espécies deste gênero são hermafroditas protogínicos. Nasce fêmea e se transforma em macho na sua fase terminal. Exibe cuidado parental, sendo que o macho é quem toma conta do ninho.

Alimenta-se de pequenos invertebrados.

Encontrado no Oceano Atlântico Ocidental, da Carolina do Norte à Santa Catarina.



Família Gobiidae

Chaetodipterus faber

(Broussonet, 1782)

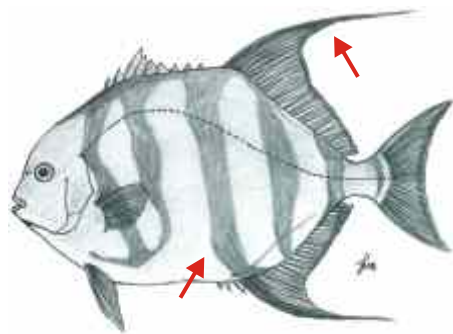
Paru branco / Enxada
Chirivita chiva / Paguala
Atlantic spadefish

Apresenta corpo comprimido lateralmente em formato de disco, coloração prateada a cinzenta e diversas faixas escuras irregulares, as quais tendem a perder intensidade com a idade. O jovem tem coloração mais escura. Segunda nadadeira dorsal e anal com lobos anteriores mais desenvolvidos. Boca pequena e opérculo terminando em ponta obtusa.

Encontrado nadando em pequenos cardumes, costeando formações rochosas ou permanecendo sobre parcéis e naufrágios. O jovem (fase escura) é freqüentemente encontrado em águas rasas podendo entrar em estuários. Algumas vezes pode também aparecer na fauna acompanhante de arrastos para camarão.

Sua dieta está baseada em invertebrados bentônicos como crustáceos, moluscos, anelídeos, cnidários e plâncton.

Ocorre no Oceano Atlântico Ocidental, da Nova Inglaterra, Massachusetts, Florida, Bahamas, Golfo do México, ocasionalmente no Caribe e no Brasil até o Rio Grande do Sul.



Família Ephippidae

Acanthurus bahianus

Castelnau, 1855

Cirurgião
Barbero
Ocean surgeon

Corpo comprimido lateralmente e de coloração acinzentada uniforme. Diferencia-se de *A. chirurgus* (pág. 110) por não possuir barras verticais no corpo. Pode mudar de cinza azulado para marrom escuro, clarear ou escurecer rapidamente. Nadadeira caudal lunada, podendo apresentar uma mancha branca na base desta mesma nadadeira. Possui um par de espinhos, um de cada lado do pedúnculo caudal, utilizado para defesa.

Habita fundos corálíneos e rochosos entre 2 e 40 metros de profundidade. Geralmente vive em pequenos cardumes que podem incluir outras espécies de cirurgiões. É uma espécie de hábitos diurnos, muitas vezes vista parada sobre as rochas, em uma posição inclinada com a cabeça para baixo, mordiscando as algas. Preferencialmente herbívoro, mas pode consumir invertebrados bentônicos.

Parece não se importar com a presença de mergulhadores, mas procura manter certa distância.

No Atlântico Ocidental ocorre de Massachusetts, Bermudas, Sul do Golfo do México, até o Sul do Brasil. No Atlântico Oriental ocorre na Ilha Santa Helena.



Família Acanthuridae

Acanthurus chirurgus

(Bloch, 1787)

Cirurgião
Navajón cirujano
Doctorfish

Corpo comprimido lateralmente e de coloração acinzentada, entretanto difere de *A. bahianus* (pág. 108) pela presença de cerca de 10 faixas verticais escuras nas laterais do corpo. Nadadeira caudal ligeiramente emarginada, sem formato de meia lua bem definido. Apresenta um par de espinhos no pedúnculo caudal, utilizado para defesa.

Hábitos diurnos, vive em recifes rasos e fundos rochosos. Forma cardumes que podem incluir outras espécies de cirurgiões e também é frequentemente observado em posição inclinada mordiscando as algas na superfície das rochas em posição inclina. O jovem é considerado uma espécie limpadora, alimentando-se de parasitas presos em tartarugas, seu principal "cliente" e formando estações de limpeza com outras espécies. Alimenta-se de algas e pequenos invertebrados.

Comportamento similar ao de *A. bahianus*, não parecendo dar muita importância a presença de mergulhadores.

No Atlântico Ocidental distribui-se de Massachusetts, Estados Unidos, Bermudas, Nordeste do Golfo do México, até o litoral de Santa Catarina. Rara na REBIOMAR.



Família Acanthuridae

Sphyraena barracuda

(Walbaum, 1792)

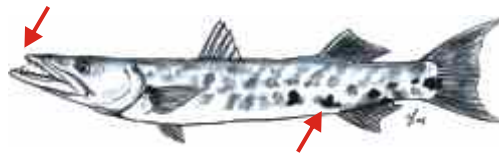
Barracuda
Barracuda
Great barracuda

Espécie de corpo prateado, alongado e em formato cilíndrico. Apresenta uma mandíbula forte e pronunciada, provida de dentes pontudos, quase sempre bem visíveis. Frequentemente apresenta manchas negras evidentes nas laterais do corpo.

A barracuda é um peixe pelágico que ocorre em zonas costeiras até regiões oceânicas, sempre próximo da superfície. O jovem ocorre dentro dos mangues, em regiões estuarinas ou próximo de recifes e costões rochosos rasos. Possui hábitos diurnos e vive normalmente solitário, mas pode ser visto em pequenos cardumes. Peixes e cefalópodes são suas presas preferenciais.

Apresenta o hábito de seguir mergulhadores, o que pode causar susto devido ao seu tamanho e seus pontudos dentes evidentes. Entretanto, não existem relatos de ataques não provocados. Normalmente se afasta quando mergulhadores tentam se aproximar muito.

Tem uma distribuição geográfica cosmopolita, ocorrendo no Mar Vermelho, Indo-Pacífico, Atlântico Oriental e Ocidental em Massachusetts, Bermuda, todo o mar do Caribe até o Sul do Brasil.



Família Sphyrænidae

Bothus ocellatus

(Agassiz, 1831)

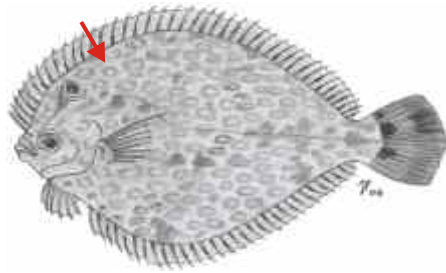
Solha / Linguado
Lenguado ocelado
Eyed flounder

Corpo arredondado, marrom claro ou acinzentado. Possui diversas pequenas manchas circulares dispersas pelo corpo, algumas mais escuras e aparentes do que outras, e ainda três manchas bem definidas ao longo da linha lateral. O macho possui um pequeno espinho no focinho e outros dois em frente aos olhos.

Atinge cerca de 18 cm, sendo muito comum em substratos arenosos próximo ao costão rochoso. Pode ser encontrado quando o mergulhador observa atento ao substrato. Muda de coloração rapidamente procurando demonstrar padrões de coloração que se confundem com o fundo de areia sob o qual se encontra.

Alimenta-se preferencialmente de pequenos crustáceos bentônicos e até mesmo de pequenos peixes. Possui plena confiança em sua camuflagem, deixando o mergulhador aproximar-se bastante, e quando tocado, disparam ligeiramente pelo fundo.

Presente no Atlântico Ocidental, de Nova York, Bermudas, Norte do Golfo do México até o Sul da costa Brasileira em Santa Catarina. É uma das espécies mais comuns do gênero ocorrendo em ambientes recifais.



Balistes capriscus

Gmelin, 1789

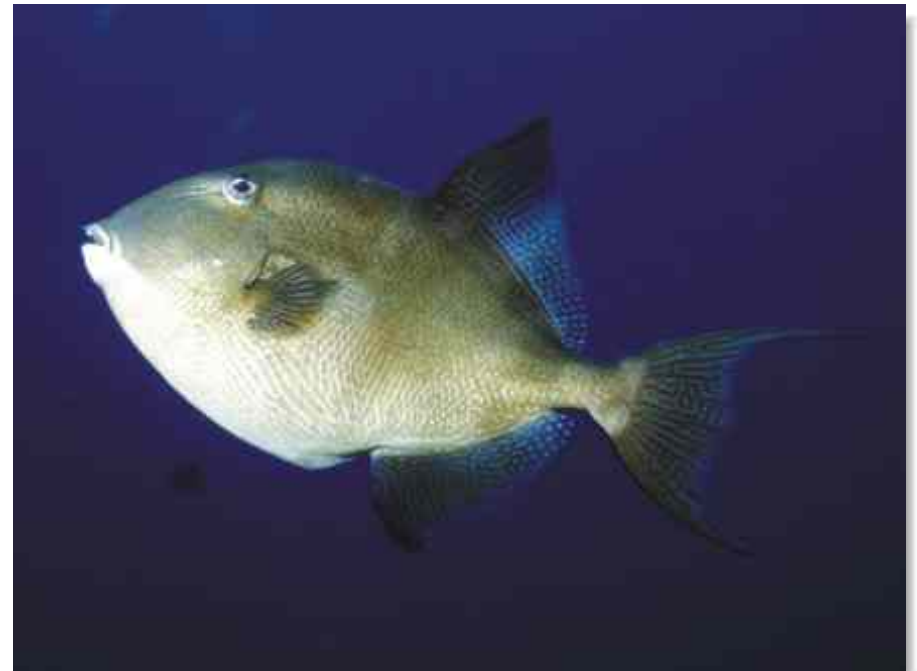
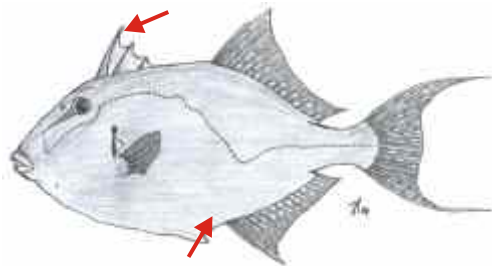
Cangulo-cinzento / Peixe-porco
Cochino gris / Peje puerco
Grey triggerfish

Possui o corpo oval e comprimido lateralmente. Coloração cinza a azulado, pintas azuis na parte superior frontal do corpo e brancas na região próxima da nadadeira anal. Possui também manchas retangulares escuras distribuídas nas laterais.

Habita águas de até 50 metros, próximo a ilhas, praias e baías. Não é observado com muita frequência na REBIOMAR. É comum encontrar cardumes junto à plataformas de petróleo.

Alimenta-se de invertebrados bentônicos. Peixes que habitam as plataformas também comem os restos da alimentação humana, que são descartados ao mar.

Pode ser encontrado em ambos os lados do Oceano Atlântico. No Atlântico Ocidental, está presente da Nova Escócia à Argentina.



Stephanolepis hispidus

(Linnaeus, 1766)

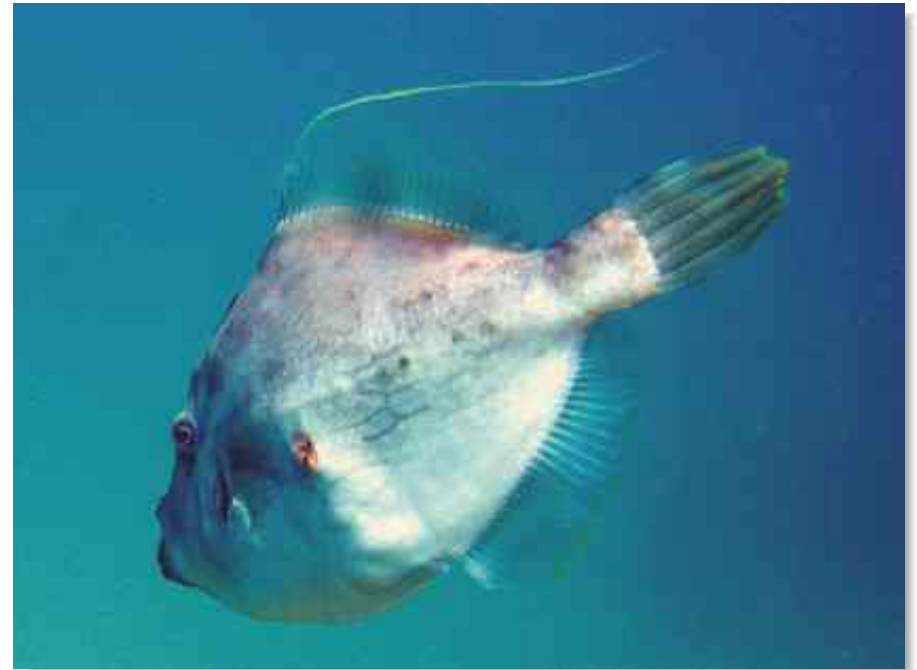
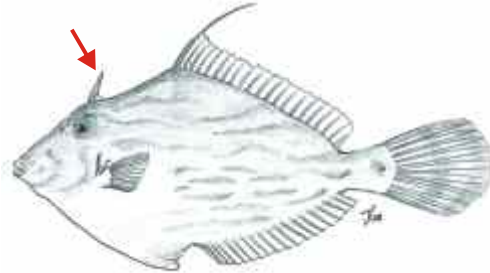
Peixe-porco-galhudo
Lija áspera
Planehead filefish

Espécie que apresenta coloração bastante variável, de acinzentada a marrom claro, podendo passar pelo verde escuro. Altera sua cor de acordo com o ambiente. Pode apresentar algumas manchas sem padrões definidos e um único espinho destacado e bem desenvolvido na nadadeira dorsal, característica da família Monacanthidae.

Encontrado principalmente sobre fundos de areia ou lama, próximo a costões rochosos e associados a algas *Sargassum*. Nos últimos anos tem sido bastante capturada por pescadores esportivos que atuam na área de entorno da REBIOMAR.

Alimenta-se principalmente de invertebrados bentônicos. É comum observar a presença de parasitas nos flancos.

Ocorre no Atlântico Oeste do Canadá ao Uruguai, incluindo Bermudas, Bahamas, Caribe, Antilhas e Norte do Golfo do México. No Atlântico Leste das Canárias a Angola.



Aluterus monoceros

(Linnaeus, 1758)

Cangulo-comum
Lija barbuda
Unicorn filefish

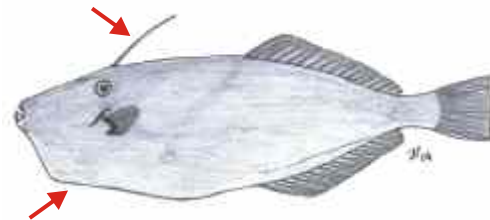
Espécie epi-pelágica e recifal que ocorre até aos 10 m de profundidade. Corpo prateado, alongado e achatado lateralmente, com olhos de grandes dimensões. A nadadeira caudal é proporcionalmente longa e a primeira dorsal está limitada a um longo espinho destacado. O adulto apresenta um focinho convexo.

Normalmente ocorre isolado ou em pares podendo, por vezes, formar grupos de até 5 ou 6 indivíduos. O jovem é pelágicos, ocorrendo sob objetos flutuantes.

Atinge cerca de 75 cm e permite uma certa aproximação quando associado à estruturas flutuantes. Alimenta-se de organismos bentônicos.

Não é alvo de nenhuma pescaria comercial mas, pontualmente, é consumido tanto em fresco como seco e salgado.

No Oceano Atlântico Ocidental ocorre de Massachusetts (EUA) à Argentina; no Atlântico Oriental Tropical, Pacífico Oriental da Guatemala ao Chile e no Oceano Índico de Moçambique à África do Sul.



Acanthostracion polygonius

(Poey, 1876)

Peixe-cofre
Torito / Cofre
Honeycomb cowfish

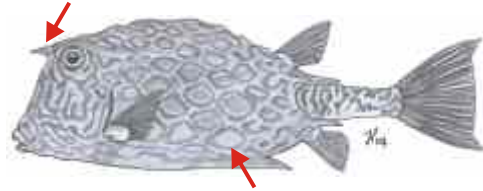
Apresenta o corpo formado por placas rígidas, resultado da modificação de suas escamas. Com espinhos afiados acima de cada olho, apresenta um padrão de desenhos hexagonais em preto, similar a uma colméia na lateral de seu corpo, que muda de cor rapidamente, entre os tons de azul, amarelo e verde. Dois espinhos fortes e pontudos próximos à nadadeira anal.

É encontrado quase sempre sozinho. Pode atingir cerca de 50 cm e nada próximo aos costões, geralmente se camuflando no ambiente mudando seus padrões de cores.

Alimenta-se de esponjas, tunicados e também de camarões. Não gosta da aproximação de mergulhadores, e apesar de se deslocar de forma geralmente lenta, pode nadar muito rápido quando se sente ameaçado.

Ocorre dos Estados Unidos (Nova Jersey), Bermudas, Caribe até o Sul do Brasil.

Nota: O jovem apresenta coloração laranja e apesar de ser menos comum na REBIOMAR que *A. quadricornis* (abaixo) pode ser encontrado em bancos de gramíneas.



Acanthostracion quadricornis

(Linnaeus, 1758)

Baiacu-de-chifre
Torito azul
Scrawled cowfish

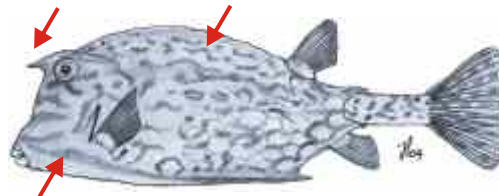
Apresenta o corpo formado por placas rígidas, assim como *A. polygonius* (acima). Com espinhos acima de cada olho, apresenta riscos azulados por todo o corpo, e uma linha azulada que percorre da ponta do focinho até a nadadeira anal. Dois espinhos fortes e pontudos próximos à nadadeira anal.

É encontrado quase sempre sozinho. Pode atingir cerca de 50 cm e nada próximo aos costões e bancos de gramíneas marinhas, camuflando-se no ambiente e mudando seus padrões de cores.

Alimenta-se de invertebrados sésseis como tunicados, esponjas e também de camarões, caranguejos lentos e algas. Arisco, permanece imóvel na presença de mergulhadores até notar que foi descoberto, nadando rapidamente em fuga.

Ocorre dos Estados Unidos (Massachusetts), Bermudas, Caribe até o Sul do Brasil. Reportado também na África do Sul.

Nota: É frequentemente observados no ecótono areia-costão na REBIOMAR.

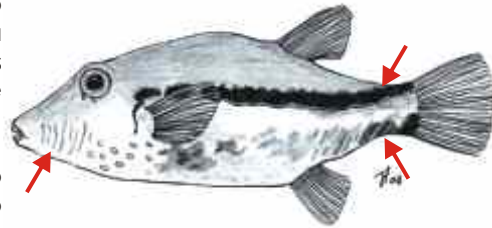


Apresenta coloração bege no dorso, tornando-se branca em direção ao ventre, com duas faixas longitudinais negras nos flancos. Difere das demais espécies de *Canthigaster* ocorrentes no Atlântico pela longa extensão da faixa preta que inicia acima e abaixo da nadadeira peitoral até a base da nadadeira caudal. Focinho com marcas verticais.

Geralmente encontrado nadando sobre fundos recifais e rochosos durante o dia, freqüentemente aos pares.

Sua alimentação é relativamente diversificada e inclui algas e uma ampla variedade de invertebrados. Espécie relativamente pouco restritiva a aproximações lentas por parte dos mergulhadores.

Sua distribuição limita-se ao Atlântico Ocidental Central, do Maranhão a Santa Catarina, incluindo as ilhas oceânicas do Atol das Rocas e Fernando de Noronha.



Nota: Antigamente identificada como *Canthigaster rostrata* (endêmica do Caribe).



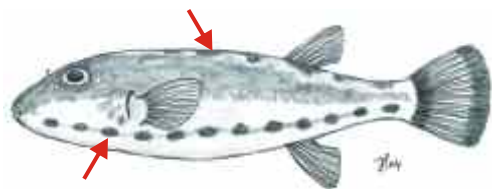
Peixe de pequeno porte que pode atingir aproximadamente 18 cm. Boca pequena mas com placas dentárias grandes e fortes. Tons de marrom na parte superior do corpo e branco ou amarelado no ventre. Pequenas manchas negras em série na porção inferior das laterais. Espinhos pequeninos no ventre.

Abundante em costões rochosos, recifes de coral e mangues em áreas costeiras e ilhas oceânicas. Possui habito solitário, mas é muito curioso e ativo. Muitas vezes pode ser encontrado descansando sobre o fundo.

Onívoro, alimenta-se de invertebrados, pequenos peixes, algas e zooplâncton. Permite a aproximação e não se preocupa com a presença do mergulhador.

Está presente no Oceano Atlântico Ocidental, de Massachusetts a Santa Catarina.

Nota: Existem diversas outras espécies deste gênero no Brasil. Contudo, esta é a representante mais abundante nas ilhas da REBIOMAR.



Sphoeroides greeleyi

Gilbert, 1900

Baiacu-pintado
Corrotucho verde
Caribbean puffer

Peixe de pequeno porte que pode atingir aproximadamente 17 cm. Boca pequena mas com placas dentárias grandes e fortes. Semelhante a *S. spengleri* (pág. 118). Contudo, apresenta projeções dérmicas muito evidentes no corpo, e suas pequenas manchas mais próximas umas das outras, além da ausência de pequenas pintas na região inferior dos flancos.

Habita preferencialmente áreas estuarinas e costeiras. Possui hábitos solitários, mas é muito curioso e ativo.

Alimenta-se preferencialmente de invertebrados.

Encontrado muitas vezes repousando no substrato arenoso, enterrado com apenas a cabeça descoberta. É de difícil aproximação.

Pode ser encontrado de Honduras, e Caribe a Santa Catarina. Raro na REBIOMAR.



Sphoeroides testudineus

(Linnaeus, 1758)

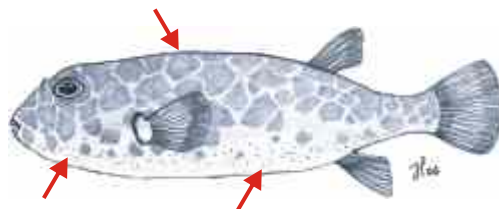
Baiacú-mirim
Corrotucho comum
Checkedred puffer

Verde escuro a marrom no dorso, linhas amarelas formando polígonos preenchidos por pintinhas negras, pintas maiores nos flancos, ventre branco, pele macia com poucas projeções dérmicas.

Pode atingir 30 cm de comprimento. Nada lentamente a uma certa distância do costão se aproximando eventualmente para buscar alimento. Geralmente observado associado a banco de algas.

Alimenta-se principalmente de invertebrados bentônicos. Possui dentes poderosos para esmagar suas presas, como *S. spengleri*. Enterra-se parcialmente na areia para descansar ou se proteger, infla o corpo como um balão para evitar predadores e possui um veneno altamente tóxico. Peixe de hábito solitário, raro na REBIOMAR mas facilmente observado em áreas costeiras próximo de estuários e manguezais. Permite a aproximação e não se preocupa com a presença do mergulhador.

Ocorre em todo Oceano Atlântico, de Nova York até o Rio Grande do Sul.

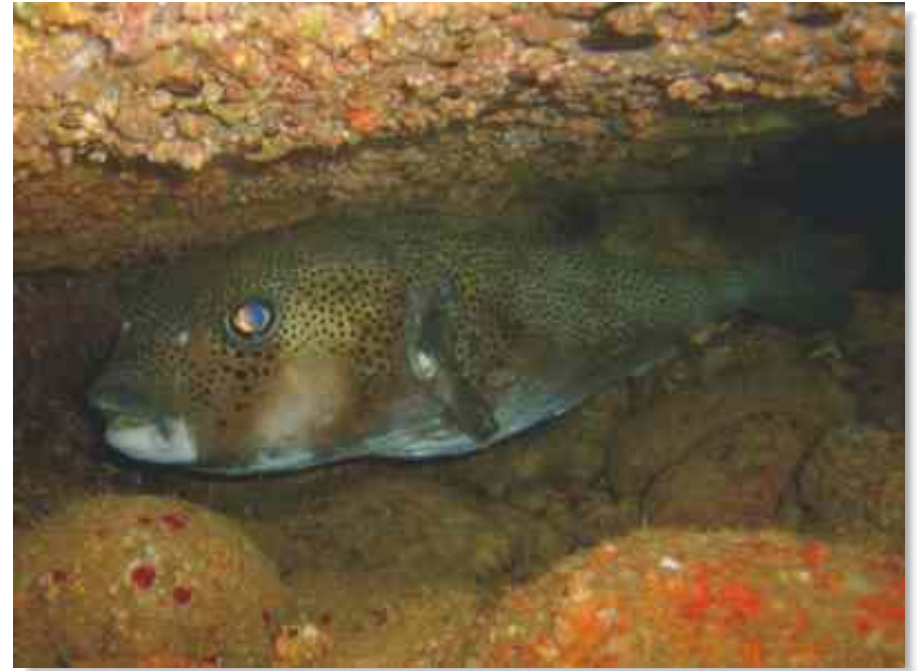
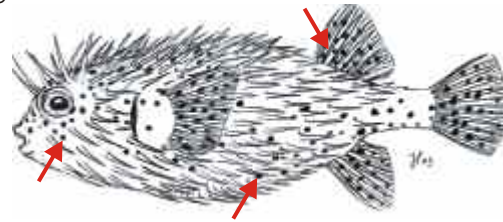


Coloração oliva/acinzentado, com pequenos pontos pretos distribuídos por todo o corpo inclusive nas nadadeiras. Ventre branco, com um anel marrom. Possui um fileira com aproximadamente 20 espinhos entre o focinho e a nadadeira dorsal.

Ocorre em ambientes recifais, até 50 metros de profundidade, habitando cavernas e fendas de recifes e costões rochosos mais rasos. Espécie solitária de hábitos noturnos. Sua dieta é constituída de invertebrados sem carapaças, gastrópodes, e caranguejos eremitas.

Relativamente tímida, se retira para áreas mais protegidas de seus abrigos, quando mergulhadores se aproximam. Pode inflar-se quando molestada.

Espécie circuntropical. Ocorre no Pacífico Oriental da Califórnia ao Chile, incluindo as Ilhas Galápagos. No Atlântico Ocidental em Massachusetts, também Norte do Golfo do México ao Sul do Brasil. Atlântico Oriental: das coordenadas 30°N a 23°S.



Glossário

Anelídeos: filo de animais invertebrados de corpo segmentado e vermiforme. Compreende três classes: Poliquetas, minhocas e sanguessugas.

Anterior: área localizada na dianteira do peixe, porção frontal.

Antozoários: são animais invertebrados que possuem tentáculos, orofaringe (boca e ânus juntos) e que podem ou não produzir um esqueleto de carbonato de cálcio. Solitários ou coloniais, em alguns casos formam os "recifes de corais".

Antrópico: Relativo à ação do homem. Termo empregado para qualificar um dos setores do meio ambiente, o meio antrópico, compreendendo os fatores sociais, econômicos e culturais.

Apendicular: prolongamento de uma porção maior.

Ascídias: são invertebrados bentônicos que possuem notocorda, marinhos, de vida livre, solitários ou coloniais.

Bêntico/Bentônico: Relativo ao fundo. Organismo que habita o fundo de rios, lagos ou oceanos.

Braquiúra: crustáceo, decapoda, representado pelos caranguejos.

Ciguatérico: ciguatera consiste em uma grave intoxicação alimentar causada pela ingestão de peixe. As toxinas responsáveis pela ciguatera são segregadas por dinoflagelados ingeridas pelo peixe.

Circuntropical: Espécies presentes em todos os mares tropicais.

Cnidários: são invertebrados que possuem células urticantes (corais e anêmonas). Animais aquáticos, na maioria marinhos, vida livre (medusa) ou sésil (pólipos), solitários ou coloniais.

Coalescidos: Unido ou fundido.

Conspícua: Algo que chama a atenção, chamativo(a), bem visível, notável. Ex. uma espécie que chama a atenção pela sua abundância.

Corais: são cnidários em forma de pólipos, possuem tentáculos e esqueleto calcário. Algumas espécies formam colônias enormes, construindo verdadeiros recifes.

Cosmopolita: Qualquer organismo que apresenta uma ampla distribuição por todos os oceanos do planeta.

Comportamento agonístico: interação intra e interespecífica relacionado à competição por território, alimentação e reprodução.

Cuidado parental: comportamento relacionado ao cuidado com a prole.

Detritívoro: animal que se alimenta de matéria orgânica morta.

Ecótono: região de transição entre dois ecossistemas.

Endêmico: Espécie (ou outro táxon) nativo e restrito a determinada área geográfica.

Endemismo: A qualidade do que é endêmico.

Epipelágica: zona oceânica que vai da superfície até a zona fótica.

Equinodermos: animais exclusivos marinhos representado pelos ouriços, estrelas-do-mar e ofiúros.

Eponjas: animais invertebrados sem simetria ou simetria radiada, sem cavidade digestiva. Sedentárias e coloniais, habitam água doce ou salgada, em áreas rasas até grandes profundidades (5500 m).

Fanerógamas: Plantas que produzem flores e sementes.

Flancos: porções laterais do peixe.

Furcada: divisão acentuada da nadadeira caudal em lobos distintos, formando um ângulo fechado.

Gorgônias: são octocorais - corais moles - que quase sempre têm formato arborescente.

Gramíneas marinhas: são fanerógamas que crescem em águas costeiras protegidas, como estuários, baías ou próximo a recifes de corais. São utilizadas por diversas espécies como área de alimentação, abrigo e reprodução.

Habitats: lugar de habitação natural ou usual de um indivíduo ou grupo de organismos.

Hermafrodita: animal que apresenta tanto aparelho reprodutor masculino como feminino.

- Protogínico: o órgão feminino (gônada) matura primeiro que o órgão masculino.

- Protândrico: o órgão masculino (gônada) matura primeiro que o órgão feminino.

- Sincrônico: os órgãos reprodutores estão sempre ativos porém maturam em épocas diferentes para que não ocorra autofecundação.

Ictiofauna: Fauna de peixes de uma determinada região.

Interespecífica: relação entre indivíduos de espécies diferentes.

Intraespecífica: relação entre indivíduos da mesma espécie.

Íris: membrana ocular colorida, situada no centro do olho.

Lunada: expressão que se remete à um formato côncavo acentuado.

Mandíbula: osso que forma a arcada inferior bucal.

Maxila: ossos simétricos que formam a arcada superior bucal dos vertebrados onde estão implantados os dentes.

Merísticos: relativo às características de um organismo que podem ser mensuradas.

Mimetismo: Semelhança externa, na forma ou na cor, entre uma espécie e outra, ou entre uma espécie e o meio ambiente; tal semelhança protege os miméticos contra os predadores.

Moluscos: invertebrados de simetria bilateral, celomados, não segmentados e dotados de corpo mole. A maioria é portadora de concha calcária protetora, embora algumas espécies, como as lesmas e os polvos, não a possuam. Outros representantes: mexilhões, ostras e vieiras.

Morfométricos: dados de medição das formas externas dos seres.

Nicho: Inclui não apenas o espaço físico ocupado por um organismo, mas também seu papel funcional na comunidade (como, por exemplo, sua posição na cadeia trófica).

Ocelo: mancha em formato circular que lembra um olho.

Glossário

Ontogenético: alterações sofridas por um organismo desde a fecundação até ao completo desenvolvimento na fase adulta.

Ovovivíparos: animais que incubam os ovos dentro do corpo materno, como em alguns peixes, répteis e invertebrados.

Padina: Alga marinha feofíceia (alga parda), que apresenta as “folhas” levemente calcificadas em forma de leque.

Pedúnculo caudal: porção do corpo do peixe localizada entre a parte posterior das nadadeiras anal e dorsal, seguindo até a base da nadadeira caudal. Geralmente consiste-se de uma porção mais estreita que o restante do corpo do peixe, muitas vezes apresentando projeções dérmicas (quilhas, pínulas).

Piscívoro: que se alimenta de peixes.

Planctívoro: que se alimenta do plâncton.

Paça de Maré: também conhecido como piscina de maré é um corpo d'água aprisionado em um ambiente localizado na interface entre a preamar e baixa-mar.

Poliquetas: são a maior e mais diversificada classe de anelídeos. Possuem o corpo segmentado onde cada segmento possui uma série de cerdas.

Posterior: área localizada na porção traseira do peixe.

Projeções dérmicas: tecido ou estruturas diferenciadas que formam um maior relevo no corpo do peixe, como verrugas ou fiapos.

Reptante: movimentos que lembram aqueles dos répteis.

Sargaço: Alga marinha feofíceia (alga parda), notadamente do gênero Sargassum, que apresenta, entre outras características, vesículas cheias de ar presa nos talos para a flutuação.

Trófico: Pertence à comida ou nutrição.

Zoantídeos: colônias de pólipos que não possuem esqueleto calcário.

Para conhecer mais

Projeto Peixes de Costão Rochoso - www.vidamar.org.br/peixesdecostao

Projeto Meros do Brasil - www.vidamar.org.br/meros

Projeto Garoupa - www.vidamar.org.br/garoupa

Projeto Peixes Associados à Monobóia - www.vidamar.org.br/monoboia

Arquipélago das Ilhas Cagarras - www.cagarras.com.br/home.php

Peixes Recifais Brasileiros - www.brazilianreeffish.cjb.net

Projeto Recife Vivo - www.ipaq.org.br/recifevivo

Biodiversidade de Peixes em Ambientes Recifais do Brasil - www.mnrj.ufrj.br/pronex/

Projeto Recifes Costeiros - www.recifescosteiros.org.br

Centro de Pesquisa e Gestão dos Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste - www.ibama.gov.br/cepene

Programa de monitoramento voluntário de recifes de coral - www.reefcheck.org

Conduta consciente em ambientes recifais - www.mma.gov.br/port/sbf/dap/compcor

Projeto Ecossistemas Costeiros - www.ib.usp.br/ecosteios

Projeto Tubarões no Brasil - www.institutoaqualung.com.br/protuba.html

FishBase - www.fishbase.org

Project AWARE Foundation - www.projectaware.org

Census of Marine Life - www.coml.org/coml.htm

Grupo de Estudos do Mero - www.gemlemerou.org/pagesfr/page.html

The grouper Moon Project - www.reef.org/data/groupermoon.html

The Coral Reef Alliance - www.coralreefalliance.org

Society for the Conservation of Reef Fish Aggregations - www.SCRFA.org

Referências Bibliográficas

- BARREIROS, J. P. ; BERTONCINI, A. A.; MACHADO, L. F. ; HOSTIM-SILVA, M. Diversity and seasonal changes in the ichthyofauna of rocky tidal pools from Praia Vermelha and São Roque, Santa Catarina. *Brazilian Archives of Biology and Technology*, Brasil, v. 47, n. 2, p. 291-299, 2004.
- BARLETTA, M. & CORRÊA, M.F.M. 1992. Guia para identificação de Peixes da costa do Brasil. Editora UFPR. Curitiba-PR. 121pp.
- BERTONCINI, A. A.; MACHADO, L. F.; HOSTIM-SILVA, M.; BARREIROS, J.P. (2003) Reproductive Biology of the Dusky Grouper *Epinephelus marginatus* (LOWE, 1834) (Perciformes: Serranidae, Epinephelinae) in Santa Catarina, Brazil. *Brazilian Archives of Biology and Technology*, Brasil, v. 46, n. 3, p. 373-379.
- Carvalho-Filho, A. Peixes da costa brasileira. São Paulo, Melro, 320p, 1999.
- CARVALHO-FILHO, Alfredo; BERTONCINI, A. A.; BONALDO, Roberta M; FERREIRA, Carlos e L; GADID, Otto B F; FLOETER, Sérgio; GASPARINI, João Luiz; GERHARDINGER, Leopoldo Cavaleri; GODOY, Eduardo Aires de Souza; JOYEUX, Jean-christophe; KRAJEWSKI, João P; KUITER, Rudie; HOSTIM-SILVA, Maurício; LUIZ-JÚNIOR, Osmar J; MARQUES, Simone; MENDES, Liana; RANGEL, Carlos A; ROCHA, Luiz A; ROSA, Ierecê Lucena; SAMPAIO, Cláudio Luís S; SAZIMA, Cristina; SAZIMA, Ivan. Peixes Recifais do Brasil; Uma síntese. In: XVI ENCONTRO BRASILEIRO DE ICTIOLOGIA, 2005, João Pessoa. 2005.
- CARVALHO, J. L. B., SCHETTINI, C. A. F., RIBAS, TM. Estrutura Termohalina do Litoral Centro-Norte Catarinense. *Notas Técnicas Facimar*, v.2, p.181-197. 1998.
- ESCHMEYER, W. N., Editor. 1998. Catalog of fishes. Special Publication, California Academy of Sciences, San Francisco. 3 vols. 2905 p.
- ESCHMEYER, W.N., Editor, 2003. Catalog of fishes. Updated database version of March 2003. <http://www.calacademy.org/research/ichthyology/annotated/AnnChkPhyl.html>
- GERHARDINGER, L. C.; SAMAGAIA, R.; HOSTIM-SILVA, M.; BARREIROS, J. P. in press. A foraging association between juvenile dusky grouper *Epinephelus marginatus* (LOWE, 1834) and the goldspotted snake eel *Myrichthys ocellatus* (LESUEUR, 1825). *Cybbium*.
- HOSTIM-SILVA, M.; BERTONCINI, A. A.; GERHARDINGER, L. C.; MACHADO, L. F. The Lord of the Rocks conservation program in Brazil: the need for a new perception of marine fishes. *Coral Reefs*, Alemanha, 2004.
- IUCN, 2004. International Union for the Conservation of Nature and Natural Resources <http://www.iucn.org>
- LUCKHURST, B.E. & LUCKHURST, K. 1978. Analysis of the influence of substrate variables on coral reef fish communities. *Marine Biology* 49, 317-323.
- MACHADO, L.; BERTONCINI, A. A.; HOSTIM-SILVA, M.; BARREIROS, J.P. Habitat use by the juvenile dusky grouper *Epinephelus marginatus* and its relative abundance, in Santa Catarina, Brazil. *Aqua Journal of Ichthyology and Aquatic Biology*, Itália, v. 6, n. 4, p. 133-138, 2003.
- NELSON, J.S. 1994. Fishes of the world. 3rd ed. John Wiley & Sons, Inc. New York. 600p.
- Rodrigues-Ribeiro, M.; Resgalla Jr., C.; Carvalho, J. L. B. & Speck, C. 1997. A Reserva Biológica Marinha do Arvoredo e adjacências pode ser considerada como área de desova e criação de recursos pelágicos ? VII COLACMAR, Santos, Brasil. Resumos. 360-362pp.

Índice

<i>Abudefduf saxatilis</i> (Linnaeus, 1758)	84
<i>Acanthostracion polygonius</i> Poey, 1876	116
<i>Acanthostracion quadricornis</i> (Linnaeus, 1758)	116
<i>Acanthurus bahianus</i> Castelnau, 1855	108
<i>Acanthurus chirurgus</i> (Bloch, 1787)	110
<i>Aetobatus narinari</i> (Euphrasen, 1790)	38
<i>Aluterus monoceros</i> (Linnaeus, 1758)	114
<i>Amblycirrhitus pinos</i> (Mowbray, 1927)	82
<i>Anisotremus surinamensis</i> (Bloch, 1791)	66
<i>Anisotremus virginicus</i> (Linnaeus, 1758)	68
<i>Apogon pseudomaculatus</i> Longley, 1932	60
<i>Balistes capriciscus</i> Gmelin, 1789	112
<i>Bodianus pulchellus</i> (Poey, 1860)	90
<i>Bodianus rufus</i> (Linnaeus, 1758)	90
<i>Bothus ocellatus</i> (Agassiz, 1831)	112
<i>Canthigaster figueiredoi</i> Moura & Castro, 2002	118
<i>Centropomus undecimalis</i> (Bloch, 1792)	52
<i>Chaetodipterus faber</i> (Broussonet, 1782)	108
<i>Chaetodon striatus</i> Linnaeus, 1758	78
<i>Chromis multilineata</i> (Guichenot, 1853)	88
<i>Coryphopterus glaucofraenum</i> Gill, 1863	106
<i>Cryptotomus roseus</i> Cope, 1871	98
<i>Dactylopterus volitans</i> (Linnaeus, 1758)	50
<i>Diodon histrix</i> Linnaeus, 1758	122
<i>Diplodus argenteus</i> (Valenciennes, 1830)	72
<i>Echeneis naucrates</i> Linnaeus, 1758	62
<i>Emblemariopsis signifera</i> (Ginsburg, 1942)	102
<i>Epinephelus adscensionis</i> (Osbeck, 1765)	52
<i>Epinephelus itajara</i> (Lichtenstein, 1822)	54
<i>Epinephelus marginatus</i> (Lowe, 1834)	54
<i>Epinephelus niveatus</i> (Valenciennes, 1828)	56
<i>Gymnothorax funebris</i> Ranzani, 1840	40
<i>Gymnothorax moringa</i> (Cuvier, 1829)	40
<i>Haemulon aurolineatum</i> Cuvier, 1830	68
<i>Haemulon steindachneri</i> (Jordan & Gilbert, 1882)	70
<i>Halicampus crinitus</i> (Jenyns, 1842)	50
<i>Halichoeres poeyi</i> (Steindachner, 1867)	92
<i>Hippocampus reidi</i> Ginsburg, 1933	48
<i>Holacanthus ciliaris</i> (Linnaeus, 1758)	78
<i>Holacanthus tricolor</i> (Bloch, 1795)	80
<i>Holocentrus adscensionis</i> (Osbeck, 1765)	46
<i>Hypsoblennius invemar</i> Smith-Vaniz & Acero, 1980	102
<i>Kyphosus incisor</i> (Cuvier, 1831)	76
<i>Kyphosus sectatrix</i> (Linnaeus, 1758)	76
<i>Labrisomus nuchipinnis</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	98
<i>Malacoctenus delalandii</i> (Valenciennes, 1836)	100
<i>Mugil curema</i> Valenciennes, 1836	84
<i>Mycteroperca acutirostris</i> (Valenciennes, 1828)	56
<i>Mycteroperca bonaci</i> (Poey, 1860)	58
<i>Myrichthys breviceps</i> (Richardson, 1848)	42
<i>Myrichthys ocellatus</i> (Lesueur, 1825)	42
<i>Myripristis jacobus</i> Cuvier, 1829	48
<i>Narcine brasiliensis</i> (Olfers, 1831)	38
<i>Odontoscion dentex</i> (Cuvier, 1830)	72

<i>Ogcocephalus vespertilio</i> (Linnaeus, 1758)	46
<i>Orthopristis ruber</i> (Cuvier, 1830)	70
<i>Parablennius marmoreus</i> (Poey, 1876)	104
<i>Parablennius pilicornis</i> (Cuvier, 1829)	104
<i>Paraclinus spectator</i> Guimarães & Bacelar, 2002	100
<i>Pareques acuminatus</i> (Bloch & Schneider, 1801)	74
<i>Pempheris schomburgkii</i> Müller & Troschel, 1848	76
<i>Pomacanthus arcuatus</i> (Linnaeus, 1758)	80
<i>Pomacanthus paru</i> (Bloch, 1787)	82
<i>Pomatomus saltatrix</i> (Linnaeus, 1766)	62
<i>Porichthys porosissimus</i> (Cuvier, 1829)	44
<i>Pseudocaranx dentex</i> (Bloch & Schneider, 1801)	64
<i>Pseudupeneus maculatus</i> (Bloch, 1793)	74
<i>Scartella cristata</i> (Linnaeus, 1758)	106
<i>Seriola dumerili</i> (Risso, 1810)	64
<i>Seriola rivoliana</i> Valenciennes, 1833	66
<i>Serranus atrobranchus</i> (Cuvier, 1829)	58
<i>Serranus flaviventris</i> (Cuvier, 1829)	60
<i>Sparisoma amplum</i> (Ranzani, 1842)	94
<i>Sparisoma tuiupiranga</i> Gasparini, Joyeux & Floeter, 2003	96
<i>Sparisoma axillare</i> (Steindachner, 1878)	94
<i>Sparisoma frondosum</i> (Agassiz, 1831)	96
<i>Sphoeroides greeleyi</i> Gilbert, 1900	120
<i>Sphoeroides spengleri</i> (Bloch, 1785)	118
<i>Sphoeroides testudineus</i> (Linnaeus, 1758)	120
<i>Sphyraena barracuda</i> (Walbaum, 1792)	110
<i>Stegastes fuscus</i> (Cuvier, 1830)	86
<i>Stegastes pictus</i> (Castelnau, 1855)	86
<i>Stegastes variabilis</i> (Castelneu, 1855)	88
<i>Stephanolepis hispidus</i> (Linnaeus, 1766)	114
<i>Synodus synodus</i> (Linnaeus, 1758)	44